

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE
Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião

Clênio Faria Marcelino

SEXUALIDADE NO PROTESTANTISMO BRASILEIRO:
UM OLHAR HISTÓRICO-TEOLÓGICO

São Paulo

2015

Clênio Faria Marcelino

**SEXUALIDADE NO PROTESTANTISMO BRASILEIRO:
UM OLHAR HISTORICO-TEOLÓGICO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião.

**ORIENTADOR: PROF. DR. ANTONIO MÁSPOLI DE ARAUJO
GOMES**

**São Paulo
2015**

M314s Marcelino, Clênio Faria

Sexualidade no protestantismo brasileiro: um olhar
histórico-

teológico / Clênio Faria Marcelino – 2015.

68 f.; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade
Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2015.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Máspoli de Araújo Gomes

Bibliografia: f. 65-68

1. Presbiterianismo 2. Corpo 3. Sexualidade 4. Gênero 5. Classe
Social I. Título

LC HQ31

CLÊNIO FARIA MARCELINO

A SEXUALIDADE NO PROTESTANTISMO BRASILEIRO:
UMA ANÁLISE DA PEDAGOGIA SEXUAL VEICULADA NA PRODUÇÃO
EDITORIAL E ACADÊMICA NO PROTESTANTISMO BRASILEIRO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade
Presbiteriana Mackenzie, como requisito parcial para a
obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião.
Orientador: Prof. Dr. Antônio Mápoli de Araújo Gomes

Aprovada:

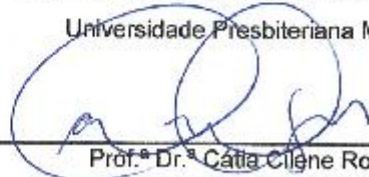
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Prof. Dr. Antônio Mápoli de Araújo Gomes
Universidade Presbiteriana Mackenzie



Prof.ª Dr.ª Suzana Ramos Coutinho Bornholdt
Universidade Presbiteriana Mackenzie



Prof.ª Dr.ª Cátia Cléne Rodrigues
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

RESUMO

A presente pesquisa, numa abordagem histórico-teológica, analisa a pedagogia sexual no protestantismo brasileiro por meio da literatura publicada sobre este tema para o consumo dos membros de igreja. Foram traçados dois objetivos para este trabalho: a) Explicitar como a sexualidade foi representada na patrística e na teologia clássica do Protestantismo; b) Investigar como a sexualidade tem sido representada na produção editorial e acadêmica sobre o tema no Protestantismo brasileiro, especialmente na chamada pedagogia sexual do Protestantismo. Prócoro Velasques Filho (*O Comportamento Protestante*), Robinson Cavalcanti (*Uma Bênção Chamada Sexo, Libertação e Sexualidade*) e Antônio Máspoli de Araújo Gomes (*As Representações Sociais do Corpo e da Sexualidade no Protestantismo Brasileiro*) foram utilizados como referenciais teóricos. O pesquisador trabalhou através do método de pesquisa bibliográfico literário.

Palavras-chave: Protestantismo, corpo, sexualidade, gênero, classe social.

ABSTRACT

This research, in its historical-theological approach, analyzes sexual pedagogy in Brazilian Protestantism through the published literature on this topic for church members. Two objectives were set for this study: a) Explain how sexuality has been represented in the patristic and classical theology of Protestantism; b) Investigate how sexuality has been represented in the published literature and academic research on the topic in the Brazilian Protestantism, especially in the so-called sexual pedagogy of Protestantism. As theoretical frameworks, the author used Prócoro Velasques Filho (*O Comportamento Protestante*), Robinson Cavalcanti (*Uma Bênção Chamada Sexo, Libertação e Sexualidade*) and Antônio Máspoli de Araújo Gomes (*As Representações Sociais do Corpo e da Sexualidade no Protestantismo Brasileiro*). The researcher worked through the method of literary bibliographical research.

Key-words: Protestantism, body, sexuality, gender, social class.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1º CAPÍTULO: A HISTÓRIA E O SEXO	14
1.1. O surgimento do Cristianismo e seu contexto histórico-cultural ..	14
1.2. A espiritualidade e a sexualidade na Igreja Antiga	16
1.3. A espiritualidade e a sexualidade na Idade Média	22
1.4. A espiritualidade e a sexualidade na Reforma Protestante	26
1.5. A espiritualidade e a sexualidade no Movimento Puritano	29
2º CAPÍTULO: A PEDAGOGIA SEXUAL NO PROTESTANTISMO	
BRASILEIRO	37
2.1. A moral sexual evangélica	37
2.2. A reforma de Martinho Lutero no casamento	45
2.3. A virtude do sexo	49
2.4. Amor, Eros e sexualidade	55
CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	65

O cristianismo tende insistentemente ao matrimônio. Se, pois, o amor conjugal não pudesse conter todo o erótico que há na paixão, o cristianismo não seria considerado o que há de mais supremo na evolução da humanidade.

- Sören Kierkegaard (1813-1855).

Às três mulheres mais importantes da minha vida: Minha mãe D. Francisca, mulher virtuosa, a quem devo a vida. Minha esposa Liliane, mulher que Deus me deu, através do nosso amor aprendo a cada dia sobre Deus. Minha filha Emanuelle, fruto do nosso amor e dos nossos sonhos.

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Doutor Antônio Máspoli de Araújo Gomes, que me incentivou a assumir este projeto ainda nos primeiros passos, e pela paciência e humildade como orientador dessa pesquisa.

À Professora Doutora Suzana Ramos Coutinho Bornholdt, pela empatia e incentivo. Também pelos excelentes incrementos prestados a esse estudo.

À Professora Doutora Cátia Cilene Rodrigues, componente externo da banca pela maneira tão carinhosa que observou pontos a serem melhorados.

Ao Instituto Presbiteriano Mackenzie pela bolsa de estudos indispensável para minha capacitação e realização desse estudo.

INTRODUÇÃO

A sexualidade é um tema não apenas de domínio público, mas também de caráter permanente, pois sua história se relaciona com a própria história da espécie humana, e além disso, a sexualidade fala hoje a linguagem da revolução.

Guido Mantega afirma que as ciências médicas e psicológicas, assim como as terapias corporais e a sexologia, assumem às vezes um papel ambíguo na pedagogia sexual, que postula ora como agente de controle, de repressão da sexualidade humana, e ora postula o papel de agente educador e libertador do prazer sexual. Guido Mantega, seguindo o pensamento foucaultiano, observa que o desenvolvimento da ciência da sexualidade foi incentivado pelas sociedades capitalistas, o qual está em pleno acordo com os interesses e ideologias dominantes. É citada como exemplo a indústria da pornografia que se alimenta essencialmente da repressão:

O espectador consome simbolicamente uma sexualidade que não consegue vivenciar, a não ser em seu imaginário. Além disso, os filmes mostram o sexo sob uma ótica técnica que implica na valorização do capaz contra o incapaz, com soluções ocorrendo ao nível individual. (Mantega, 1979, 93).

A sociedade ocidental tem experimentado profundas transformações nas últimas décadas. Alguns estudiosos (Houston, 2003) comparam a sociedade contemporânea a uma casa após um terremoto ou um furacão, cujos efeitos trazem implicações para todas as áreas da vida humana.

A sociedade mudou, os valores éticos e culturais mudaram, e o modo das relações íntimas também. Uma das marcas sensíveis da sociedade contemporânea é que ela tem se tornado extremamente sensual e erotizada. Nela o sexo tem sido cada vez mais cultuado. Vive-se uma sexualidade desprovida de parâmetros – que pode ser percebida tanto na vida de meninos e meninas recém-chegados à puberdade, quanto na vida de adultos largamente promíscuos. Além disso, externamente, as pessoas estão a cada dia expostas a fortes estímulos sensuais; seja por meio de pornografia explícita na tevê, na Internet e na indústria gráfica, ou mediante sugestões numa simples propaganda de carros, por exemplo.

Há de considerar, ainda, que a cultura ocidental entende a sexualidade sob um aspecto bastante negativo. A civilização ocidental sofreu por muito tempo sob uma cultura legalista, extremamente pessimista quanto ao sexo, servindo, por vezes, aos interesses sócio-político-econômicos de uma classe dominante. Não muito tempo atrás, na era vitoriana, por exemplo, chegou-se ao ponto de que as pernas de pianos e mesas eram escondidas por forros e toalhas, porque lembravam o sexo.

A tentativa de solucionar o problema da repressão sexual, no entanto, foi bastante limitada. Para Georg Feuerstein:

A revolução sexual da década de 60 nos fez perceber a miséria sexual em que nos encontrávamos, mas não conseguiu oferecer nenhum remédio convincente para ela. Aliás, até agravou a nossa situação, encorajando-nos a procurar satisfação pessoal na direção errada. Hoje (...) sabemos que os casamentos abertos, o orgasmo múltiplo e os vibradores não contribuem para a felicidade. Conseguimos perceber mais claramente a chamada exploração do sexo praticada pelos meios de comunicação em massa. Também conseguimos julgar melhor o abismo existente entre o sexo livre para todos prometido pela revolução sexual e a realidade opaca do nosso quarto de dormir. Em outras palavras: estamos

mais aptos a olhar com mais profundidade e enxergar mais longe. (Feuerstein, 1995, 23).

A presente pesquisa, numa abordagem histórico-teológica, analisa a pedagogia sexual no protestantismo brasileiro através da literatura publicada sobre este tema para o consumo dos membros de igreja. Foram traçados dois objetivos para este trabalho: a) Explicitar como a sexualidade foi representada na patrística e na teologia clássica do Protestantismo; b) Investigar como a sexualidade tem sido representada na produção editorial e acadêmica sobre o tema no Protestantismo brasileiro, especialmente na chamada pedagogia sexual do Protestantismo. O pesquisador trabalhou através do método de pesquisa bibliográfico literário.

O tema da sexualidade no Cristianismo protestante ainda tem despertado pouco interesse dos pesquisadores no Brasil. A tentativa de inserir a sexualidade nos temas teológicos ocorre mais pela teologia adjetivada, da teologia pastoral. No Protestantismo brasileiro, a teologia prática reflete a práxis do pastor e vincula-se à tradição denominacional e ao discurso oficial de uma determinada confissão protestante, e, por essa razão, dedicam seus estudos mais aos verbetes da enciclopédia teológica do que propriamente à formulação de uma teologia do corpo. Uma teologia do sexo parece não encontrar lugar nesta enciclopédia. Diante desta reflexão algumas perguntas são levantadas: Quais as origens do conceito do corpo e da sexualidade representada no cristianismo antigo? De que maneira a sexualidade foi representada na teologia clássica do Protestantismo? Qual a pedagogia sexual veiculada no protestantismo brasileiro através da produção editorial para consumo dos membros de igreja? De que forma estas representações podem incluir as representações oriundas da cultura brasileira? Quais as implicações da pedagogia sexual do Protestantismo brasileiro na consciência do indivíduo? Quais as implicações da pedagogia do Protestantismo brasileiro para a saúde mental?

Destaca-se, neste trabalho, as contribuições para o estudo do corpo e da sexualidade, numa perspectiva protestante, dos pesquisadores Prócoro

Velasques Filho (*O Comportamento Protestante*); Robinson Cavalcanti (*Uma Bênção Chamada Sexo, Libertação e Sexualidade*); e Antônio Máspoli de Araújo Gomes (*As Representações Sociais do Corpo e da Sexualidade no Protestantismo Brasileiro*).

No atendimento ao tema “Sexualidade no Protestantismo Brasileiro”, a presente pesquisa está dividida em dois capítulos. No primeiro capítulo, *A História e o Sexo*, são explicitadas as representações do corpo e da sexualidade veiculadas na teologia clássica Protestante a partir de suas origens desde os pais da igreja. No segundo capítulo da pesquisa, *A Pedagogia Sexual no Protestantismo Brasileiro*, é investigado propriamente a pedagogia sexual veiculado no Protestantismo brasileiro através da produção editorial e acadêmica relacionado ao tema.

1º CAPÍTULO

A HISTÓRIA E O SEXO

Apesar de ser possível vislumbrar uma concepção positiva do sexo na Bíblia, o cristianismo histórico demonstrou muita dificuldade de lidar com o assunto do sexo ao longo da história, o qual na verdade estabeleceu uma brutal separação entre espiritualidade e sexualidade.

1.1. O Surgimento do Cristianismo e o seu Contexto Histórico-Cultural

Essa dificuldade pode ser melhor entendida a partir de várias influências do ponto de vista moral e cultural que o cristianismo recebeu do seu contexto histórico principalmente nos seus primórdios.

Conquanto o Império Romano tenha prevalecido sobre o exército de Alexandre - o Grande, sabe-se que aquele também foi paradoxalmente conquistado por este, em virtude de uma paulatina invasão da cultura grega em seus domínios.

Platão (427-347 a.C.) concebia o mundo material como uma reprodução imperfeita e imitação mal feita do mundo ideal. Para ele, o mundo das idéias é que era perfeito, eterno, incorruptível e divino. Platão entendia que, enquanto a alma (ou o espírito) se relaciona com as idéias puras e pertencentes a Deus, o corpo estava ligado ao mal, que veio mais tarde a ser identificado com Satanás (o corpo como prisão da alma e habitação do mal). Platão ensinava que os objetos concretos e as coisas visíveis eram apenas reflexos de sua verdadeira essência que era invisível. O mundo do pensamento é que era real.

Um dos movimentos da antiguidade que veio a exercer grande influência na história do pensamento cristão foi o estoicismo. Os estoicos procuravam o controle completo das paixões e emoções através da razão. *Apatheia* (do grego: *a* - sem; *pathe* - emoções) era o termo utilizado para designar a prática do controle racional das emoções, conforme era idealizado pelos estóicos. Os estóicos defendiam que o sexo deveria ser praticado apenas para a procriação, e a fidelidade no casamento era também recomendada.

Sêneca (4 a.C - 65 d.C), um dos mais notáveis estóicos, escrevendo à sua mãe Hélvia, ensina:

Se refletires que o prazer sexual não foi dado ao homem para o gozo ou fruição, mas para a propagação da espécie, então se a luxúria não te tocou com seu sopro envenenado, aquele outro desejo passará por ti sem te tocar. A razão derruba não somente um ou outro vício, mas todos de uma só vez. A vitória ocorre uma só vez e em todos os aspectos. (Sêneca *apud* Ranke-Heinemann, 1996, 25).

Outro movimento importante para o desenvolvimento do pensamento sexual no cristianismo foi o Gnosticismo. O vocábulo “gnosticismo” vem do termo grego “gnose”, que significa “conhecimento”. Platão deu a este termo uma significação especial, pois para ele o mundo invisível (e ideal) era alcançado pelo pensamento, ou seja pelo intelecto. O germe do Gnosticismo encontra-se, portanto, em Platão, mas foi somente mais tarde ao entrar em contato com o mundo cristão que o Gnosticismo passou a assumir o caráter de uma filosofia religiosa. Von Harnack define o Gnosticismo como “uma aguda helenização do cristianismo” (Harnack *apud* Vieira, 1999, 49).

O recém-descoberto “Evangelho de Judas” é apontado como um típico escrito gnóstico. Neste livro, Judas Iscariotes é condecorado como herói no lugar de traidor. Segundo o enredo do livro, Judas foi o apóstolo que mais

entendeu o ensino de Jesus (esta compreensão teria sido obtido por meio de revelações especiais), e foi essa a razão porque entregou Jesus às autoridades judaicas, para que, por meio de sua morte, finalmente pudesse se libertar do corpo material, para entrar no reino espiritual. O “Evangelho de Judas” é, portanto, uma distorção gnóstica em relação aos Evangelhos Canônicos, repercutindo também no campo sexual. Para o Gnosticismo, na procriação, o corpo era instrumentalizado na criação pelo deus mal.

Em seu livro *O Império Gnóstico Contra-Ataca*, Samuel Vieira faz uma extensa lista de vários textos do Novo Testamento que visavam combater a influência do gnosticismo ainda nos tempos bíblicos.

O Maniqueísmo foi outro movimento que veio a exercer grande influência na história do pensamento ocidental. Fundado pelo persa Mani, no século III, o Maniqueísmo divide o mundo entre duas grandes forças: o bem e o mal. A rejeição do corpo no Maniqueísmo é ainda mais profunda do que no Gnosticismo. Para eles, o corpo era uma espécie de prisão criada pelos demônios para deter a alma. No Maniqueísmo, a procriação era visto como um ato diabólico. Este movimento obteve grande repercussão entre a nobreza romana da época.

1. 2. A Espiritualidade e a Sexualidade na Igreja Antiga¹

Os escritos de Inácio de Antioquia são de grande ajuda para compreender como o pessimismo sexual se infiltrou aos poucos no cristianismo histórico. Inácio de Antioquia faz parte daquele período da história da igreja chamado de pais apostólicos, pois viveu num período imediatamente posterior aos apóstolos. Inácio de Antioquia foi martirizado por volta do ano 110 d.C., atirado às feras, conforme o costume romano. Em uma de suas cartas, escrita ao Bispo Policarpo de Esmirna, Inácio deixa transparecer sua perspectiva sobre o sexo ao referir-se aos que optaram por abster-se sexualmente em prol

¹ Patrística é o termo empregado, na história eclesiástica, ao abrangente período em que viveram os pais da igreja (líderes nos primeiros séculos do cristianismo). Este período é chamado também de Igreja Antiga, e abarca deste o momento da morte dos apóstolos até mais ou menos a queda do Império Romano.

da vida religiosa. Na carta, “Inácio fala de algumas pessoas que ‘vivem em castidade em honra da carne de nosso Senhor’. Mas não elogia esses indivíduos. Pelo contrário, adverte-os contra a ‘arrogância’ e prossegue: ‘se ele se vangloria, está perdido; e se se considera mais do que um bispo, é vítima da destruição’”. (Ranke-Heinemann, 1996, 58).

Por meio dessas palavras é possível ver como o dualismo grego infiltrava-se de forma sorrateira no pensamento cristão, sendo que até este período não havia sido estabelecido ainda de forma completa, no âmbito do cristianismo, o ideal “cristão” da castidade. Ao contrário, tal posição representava um problema, porque naquele tempo os bispos ainda eram casados.

Justino - o Mártir, nascido por volta do ano 100 d.C, ao tentar defender o cristianismo contra seus acusadores mostrando que este era um movimento que nutria elevado padrão moral e ascético, relata uma história (que recebe sua inteira aprovação) de um jovem cristão que solicitou a permissão do governador romano para se castrar, e que, não obtendo a permissão, permaneceu solteiro e abstêmico sexualmente durante toda a sua vida. A castração era uma prática comum naquela época, em função de influências gnósticas. A crescente tendência anti-sexual e anticonjugal era notável naquele período, a ponto de fazer o Imperador Dominicano submeter, no século I, tal prática à punição criminal. (Ranke-Heinemann, 1996, 59).

Em Justino Mártir já conseguimos perceber um cristianismo bastante desvirtuado, onde espiritualidade e sexualidade vai se separando cada vez mais no contexto do pensamento cristão.

É interessante perceber como o pessimismo sexual é geralmente acompanhado por uma visão negativa da mulher. Aristóteles ensinava, por exemplo, que as mulheres eram resultado da degeneração do embrião masculino (Stott, 1995, 11). Ou seja, a inferioridade feminina era defendida naquele tempo filosoficamente. Nesses pressupostos filosóficos e culturais

encontram-se as bases do patriarcalismo e machismo que preponderou na cultura ocidental até os nossos dias.²

Clemente de Alexandria, que foi considerado por Jerônimo o “mais instruído dos Padres”, ficou conhecido na história pelo seu constante combate ao gnosticismo. Ele ataca, em seus escritos, por exemplo, os basilidianos - que era uma das vertentes do pensamento gnóstico. Para Clemente, os basilidianos estavam errados quando ensinavam que Jesus pregou o celibato como ideal cristão em Mateus 19.

Ainda assim, Clemente não se desvencilhou completamente dos ranços pessimistas que vinha infiltrando em seu meio em relação a sexualidade. Isso fica evidente por meio de suas palavras que se seguem: “Comete-se adultério com a própria esposa quando se mantém relações sexuais com ela como se fosse uma prostituta.” (Clemente *apud* Ranke-Heinemann, 1996, 62). Tomás de Aquino, seguindo de perto os ensinamentos de Jerônimo,³ ratificou esse mesmo conceito quando mais tarde afirma que o homem que ama a esposa com muita paixão transgredir o bem do casamento e pode ser rotulado de adúltero, pois o fim do matrimônio é a procriação e não o prazer.

Orígenes (185-254 d.C) foi outro teólogo, considerado um dos mais notáveis pais da igreja, que neste particular não deixou de seguir a linha comum ao seu tempo. Em sua busca pela perfeição cristã, Orígenes chegou a castrar-se aos 18 anos e desenvolveu uma mentalidade bastante hostil ao prazer sexual.

² A autora Ranke-Heinemann comenta também a respeito do problema do sangue menstrual que foi muito usado como fator de discriminação da mulher no correr da História. Na Idade Média, por exemplo, a menstruação era utilizada como argumento para a mulher não poder participar dos ofícios na igreja, pois a mulher era considerada impura e indigna de se achegar ao altar sagrado durante esse período. O sangue menstrual foi alvo também de mitos, transformando-se num grande tabu. Jerônimo escreveu num dos seus comentários que: “Quando um homem mantém relações com a esposa nesse período, os filhos nascidos dessa união são leprosos e hidrocefálicos; e o sangue corrompido faz com que os corpos de ambos os sexos, dominados pela peste, ora sejam muito pequenos, ora muito grandes”. (Jerônimo *apud* Ranke-Heinemann, 1996, 33).

³ Jerônimo foi também um dos pais da igreja bastante avesso ao prazer sexual.

O bispo Gregório de Nissa (335 – 394 d.C), no entanto, distanciou um pouco dessa perspectiva negativa em relação ao sexo. Gregório de Nissa, que era um bispo casado, afirmava, ao contrário do que era comum ensinar em sua época, que o sexo havia sido criado por Deus.⁴ Gregório de Nissa considerava, portanto, o sexo como algo bom. Contudo, Gregório recebeu ao mesmo tempo uma grande influência de Orígenes, e por isso sustentou também em seus ensinamentos a ideia de que não teria havido relação sexual entre Adão e Eva antes da queda. Segundo ele, “a constituição animal do homem”, ou seja, a forma como se reproduz, entrou em operação somente após a queda. Como imagem de Deus o ser humano teria sido livre de paixão.

Ambrósio (340-397 d.C), bispo de Milão e discípulo de Orígenes, condenava a relação sexual durante o período da gestação. Tomando emprestado dos estóicos a analogia dos animais, Ambrósio argumentou contra o prazer sexual.

Mesmo os animais nos mostram, com a linguagem muda de seu comportamento, que são inspirados pelo instinto para manter a espécie e não pelo sôfrego da união sexual. Pois assim que notam que o ventre está grávido, não mais procuram a relação sexual em uma obscenidade dos amantes, pelo contrário: adotam uma conduta de pai e mãe. Os seres humanos, pelo contrário, não dão atenção nem à criança no ventre, nem a Deus. Maculam a primeira e enraivecem o último. Controla teu apetite carnal e observa as mãos de teu criador, que está formando um ser humano no ventre da mãe. Ele está em atividade, e tu irias profanar o santuário do útero com a tua luxúria? Ou toma os animais como exemplo ou teme a Deus. (Ambrósio *apud* Ranke-Heinemann, 1996, 71).

⁴ Ainda que, segundo o seu pensamento, Deus só o tenha feito porque anteviu a queda.

Ambrósio concebia uma visão tão negativa do casamento e do sexo que dizia que “as pessoas casadas devem corar de vergonha com o estado em que estão vivendo.” (Ambrósio *apud* Ryken, 1992, 55). João Crisóstomo (344 – 407 d.C), o boca de ouro, por outro lado, dizia que o sexo no casamento não foi dado para a procriação apenas, mas para se guardar incontaminado da impureza. Por essa razão, ele não proibia o sexo durante a gravidez.

Agostinho (354-430 d.C), bispo de Hipona, é considerado o mais importante de todos os pais da igreja e também aquele que, de todos, mais exerceu influência na moralidade sexual cristã ocidental. Agostinho viveu uma juventude bastante promíscua e sua formação filosófica pré-cristã exerceu nele grande influência quanto a sua visão negativa da sexualidade após a conversão. Agostinho chegou a ensinar que o pecado original é transmitido aos descendentes de Adão por meio do ato sexual, sendo essa a razão porque Jesus teria ficado isento do pecado original, uma vez que não nasceu como fruto de uma união sexual.

O pensamento de Agostinho em relação à mulher era também bastante precário.

(...) não vejo que espécie de auxílio a mulher deveria prestar ao homem, caso se exclua a finalidade da procriação. Se a mulher não foi dada ao homem para ajudá-lo a gerar filhos, para que mais serviria? Para cultivarem a terra juntos? Se fosse necessária ajuda para isso, um homem seria de melhor auxílio para outro homem. O mesmo se há de dizer para o conforto na solidão. Pois muito maior prazer há para a vida e para a conversa quando dois amigos vivem juntos do que quando homem e mulher coabitam. (Agostinho *apud* Ranke-Heinemann, 1996, 101).

Agostinho escreveu algumas obras para combater os ensinamentos de Joviniano,⁵ bispo que sustentava que o estado de virgindade, de viuvez e do casamento são equivalentes. Joviniano acusava os círculos cristãos de estarem contaminado pela visão maniqueísta. Para ele, era impossível louvar a virgindade sem ao mesmo tempo depreciar e menosprezar o matrimônio.

Em sua obra *Cidade de Deus*, Agostinho, um pouco mais tarde, chegou a admitir que teria havido realmente o sexo no paraíso, porém fazendo a ressalva de que o ato não era ali acompanhado pelo prazer. Para ele, o sexo na vida do primeiro casal era comandado inteiramente pela vontade. Apenas quando a razão constatasse a necessidade do coito para a procriação é que tal ocorria. Mais ou menos como se no momento do coito Adão expelisse seu sêmen friamente para fora, e, sem que houvesse ruptura de hímen, escorresse para dentro da vagina de Eva, tudo isto sem qualquer excitação sensual ou prazerosa. Pois para ele era inconcebível admitir que o ato sexual no Éden fosse acompanhado da “obscenidade da excitação dos desejos”.

O estudo sobre a relação entre espiritualidade e sexualidade na patrística em geral, assim como em Agostinho, revela como a sexualidade foi concebida negativamente pelos pais da igreja. No entanto, não podemos deixar de considerar o contexto no qual viveram esses homens. Quando consideramos o seu contexto histórico-cultural nos prevenimos de ter uma visão distorcida dos pais da igreja.

Agostinho, por exemplo, recebeu muita influência do maniqueísmo, seita da qual fez parte antes de se tornar cristão. O maniqueísmo foi um movimento tão avesso ao prazer que o Estado romano chegou a proibir a prática da contracepção e do aborto, por causa da sua influência que ameaçava o equilíbrio do índice da população demográfica do Império. Como Roma precisava de pessoas para cultivar os campos e manter o seu grande exército,

⁵ O livro *Dos Bens do Matrimônio; A Santa Virgindade; Dos Bens da Viuvez: cartas a Proba e a Juliana*, por exemplo, foi escrito, neste contexto, em resposta a polêmica de Jerônimo, que nos seus escritos contra Joviniano havia exagerado em sua defesa da virgindade (o qual mais tarde precisou retratar), e em relação ao ensino de Joviniano, que fora condenado num sínodo romano convocado pelo papa Sirício.

do qual dependia para sustentar a dominação e ocupar os espaços cada vez maiores de seus territórios (que naquele tempo já começava a se fragilizar), o maniqueísmo tornou-se para ele uma ameaça. O maniqueísmo, ao contrário dos gnósticos, tolerava o prazer, e condenava a procriação. É por isso que Uta Ranke-Heinemann, falando de Agostinho, comenta que, “na conversão, a afirmação do prazer e a negação da procriação, que marcou seu período maniqueu, tornou-se uma afirmação da procriação e negação do prazer: O maniqueu tornou-se cristão”. (Ranke-Heinemann, 1996, 93). Essa bagagem cultural e filosófica pré-cristã ajuda a compreender a filosofia de Agostinho.

Não podemos definir Agostinho como inimigo (assim como também não foi amigo) do prazer sexual, mas como alguém que transpareceu profundas dificuldades em lidar com a questão do prazer. Ao estudarmos os pais da igreja, não podemos deixar de reconhecer também a radicalidade e a diligência com a qual serviram a Deus, dando a Ele o melhor que tinham, não obstante ao seu pressuposto teológico muitas vezes equivocado. Embora não anule as graves consequências que seu pensamento trouxe para a história ocidental, situá-los dentro de seu contexto histórico mais amplo nos ajuda a ter uma visão menos injusta e equilibrada dos pais da igreja.

Por volta dos séculos IV e V, a castidade veio a tornar-se a virtude cristã por excelência, como forma de substituição ao martírio.

1. 3. A Espiritualidade e a Sexualidade na Idade Média

É comum nos referimos ao período medieval como sendo uma época de pouca reflexão intelectual e escassa produção acadêmica. No que diz respeito à sexualidade, o pensamento desenvolvido na Idade Média continuou, de fato, debaixo de uma sombra bastante negativa, herdada da patrística. Foi na Idade Média, mais precisamente no século XI, que a igreja decretou castidade absoluta para o clero. Foi nesse período também – no século seguinte - que o casamento passou ao *status* de sacramento na Igreja Católica, pois os teólogos o concebiam como remédio para o pecado do desejo, que teria passado a fazer parte da humanidade após a queda. Mas, a despeito de

alcançar ao posto de sacramento, o casamento era considerado como destinado aos “imperfeitos”, sendo o único a não conferir graça. Tomás de Aquino, que foi um dos pensadores mais destacados deste período, mas também bastante hostil ao prazer, fez a seguinte afirmação na sua obra magna, a *Suma Teológica*.

Foi necessário aplicar um remédio para o desejo sexual por meio de um sacramento. Em primeiro lugar, porque através do desejo sexual não só a pessoa é corrompida, mas também a natureza; em segundo lugar, porque o desejo sexual com sua instabilidade paralisa a razão. (Aquino *apud* Ranke-Heinemann, 1996, 170).

Também no século XII foi instituída a Santa Inquisição, em plena era medieval, como forma de combater, entre outros, o pecado do sexo, cujo desejo foi associado ao demônio. Neste período, as mulheres muito bonitas e atraentes eram consideradas bruxas e amantes do diabo, principalmente as ruivas, pois associavam a cor de seus cabelos à cor do fogo. Há registro de alguns pensadores naquele período que chegavam a cogitar que a relação com uma mulher feia era menos pecado do que com uma mulher bonita.

As mulheres que de alguma forma demonstravam sentir prazer sexual e as mais ambiciosas eram também tachadas de feiticeiras e, por conseguinte, perseguidas e mortas na fogueira, bem assim as mulheres que apresentavam doenças desconhecidas, como epilepsia, ou que apenas tivessem manchas no corpo. Lins & Braga afirmam que a Idade Média foi o período em que se praticou um dos maiores genocídios que se tem notícia da história da humanidade, promovido em nome de Deus. (Lins; Braga, 2005, 272).⁶

⁶ A chamada caça às bruxas foi uma das páginas mais sinuosas da história medieval. Embora as estatísticas sejam em grande medida incertas, alguns historiadores sugerem um número total de 200 mil vítimas deste surto social, enquanto outros falam até em 9 milhões. A ideia por trás do conceito de bruxas naquele período era de que estas mulheres haviam vendido a alma para o diabo em troca de poderes sobrenaturais que usavam para seduzir homens, matar ou

Não há como estudar esse período sem falar também de uma degradante maneira de humilhação da mulher: o chamado cinturão de castidade. O cinturão de castidade foi criado no século XIV e era composto de uma cinta de metal que se postava em volta da bacia da mulher, com uma faixa de couro por entre as suas pernas, com pequenas aberturas para exigências fisiológicas. O cinto teria sido criado para evitar os estupros que eram constantes à época. Os maridos mais desconfiados ou ciumentos costumavam viajar levando a chave do cinturão.

Subjacente a este mar de hostilidade ao prazer sexual surgiu em plena Idade Média – no século XII - uma maneira nova de falar de sexualidade e amor. Conhecido como os trovadores, o movimento era composto por um grupo de poetas e músicos da corte, que dedicavam suas vidas a reverenciar, adorar, idealizar e servir a uma dama escolhida em sua paixão idealizada. Os trovadores concebiam um amor fantasioso numa donzela; um amor romântico, cortês, mas que não chegava ao ato sexual. Este movimento tem recebido certa atenção por parte de alguns estudiosos na atualidade.

Concomitantemente, no âmbito religioso, nasceu também um movimento chamado de místicos amorosos, que se expressava por uma nova maneira de fazer teologia e experimentar a espiritualidade. Por seus traços biográficos e seus escritos, podemos perceber que o movimento era composto por homens e mulheres que nutriram por Deus uma espécie de amor sensual, cortês, romântico, mas ao mesmo tempo e, principalmente, casto e completamente distante do corpo.

O movimento dos místicos amorosos foi na verdade uma espécie de reação ao processo de separação entre espiritualidade e sexualidade que o cristianismo vinha sofrendo. Duas características fundamentais marcaram esse movimento. Em primeiro lugar, possuíam uma linguagem bastante erotizada, na sua maneira de descrever sua relação com Deus. Metáforas sexuais eram usadas com bastante abundância para expressar o seu ardor espiritual, até

enlouquecer os vizinhos, provocar calamidades naturais. Acreditavam também que as grandes catástrofes naturais eram causadas como forma de castigo pelas constantes práticas e rituais satânicos realizados por essas feiticeiras. De qualquer forma, elas eram as culpadas e deveriam ser eliminadas.

mais marcadamente do que se vê nos escritos sagrados do Antigo Testamento. E em segundo lugar os místicos amorosos evidenciavam um profundo anseio por unir espiritualidade e sexualidade em sua época, os quais desenvolveram o conceito de matrimônio espiritual. Eles viam no matrimônio a metáfora mais apropriada para explicar sua relação com Deus, cujo contato culminava na plenitude do gozo espiritual. (Pedreira, 1998, 155).

A mística cristã Hildegard de Bingen (1098-1179) deixa transparecer esse anseio em seus escritos. Para ela, o casamento simboliza a relação de Deus com seus filhos.

Eu compararia o amor do Criador para com a criação e o da criação pelo Criador com o amor e fidelidade através dos quais Deus une um homem e uma mulher (...) Desde que a criação é desenhada para o Criador e desde que ela é conformada por ele em todas as coisas, o Criador está presente nela enchendo-a com sua fertilidade e força. (Bingen *apud* Pedreira, 1998, 174).

Julian de Norwich (1342-1420), outra personalidade marcante do movimento, via a sensualidade como algo inato ao ser humano, e parte essencial da sua existência.

(...) na Segunda pessoa da Trindade nós encontramos nosso conhecimento e sabedoria, bem como nossa perfeição e também nossa sensualidade (...) e, portanto, eu vejo que na segunda pessoa, que é nossa mãe (...) tem se tornado nossa mãe sensual (...) e nossa sensualidade está somente na segunda pessoa da Trindade, Cristo Jesus, em quem está o Pai e o Espírito Santo. (Norwich *apud* Pedreira, 1998, 183).

Bernardo de Claraval (1090-1153), um dos místicos mais importantes do movimento, chegou a apresentar a imagem do beijo nos lábios como o símbolo mais íntimo para representar o relacionamento do homem com Deus.

Conquanto se perceba na prática certa acomodação por parte dos místicos amorosos a toda tradição anterior de divisão entre espiritualidade e sexualidade - pois na sua grande maioria optaram por caminhar pelas trilhas da castidade, da virgindade e do celibato - os místicos amorosos vão muito além de seu tempo. Eles cantaram, oraram e viveram um amor sensual na completa contramão de sua época. Com isso, esses homens e mulheres da história cristã medieval estavam revelando um conflito e ao mesmo tempo um suspiro pela integração daquilo que jamais deveria ser separado: espiritualidade e sexualidade.

1. 4. A Espiritualidade e a Sexualidade na Reforma Protestante

Marcando um ponto de ruptura no processo de separação entre espiritualidade e sexualidade, conforme vinha dominando o pensamento cristão desde os pais da igreja, o ex-monge agostiniano Martinho Lutero reagiu de maneira dramática à tradição medieval, combatendo especialmente o seu conceito de casamento e de vocação celibatária. É sabido que ele próprio se casou com uma ex-freira, Katharina von Bora.

O principal embate de Lutero, na sua luta pela reforma da igreja, ocorreu, entretanto, no âmbito hermenêutico. Lutero propôs uma volta à Escritura pura e simplesmente, acima do magistério, da tradição e da teologia escolástica dos medievos.

Você encontrará muitos piedosos sacerdotes contra quem ninguém tem nada a dizer exceto que ele é fraco e tem vivido sem envergonhar-se com uma mulher. Do fundo dos seus corações, ambos estão de acordo em viverem juntos em um lícito amor conjugal, somente se puderem fazer isto de livre consciência. Mas mesmo que

eles carreguem uma vergonha pública, os dois certamente estão casados aos olhos de Deus. E eu digo que uma vez que eles estão de acordo e vivendo juntos, eles deveriam apelar novamente para suas consciências. Deixem o sacerdote tomar e manter sua esposa em amor conjugal, vivendo ambos em uma via honesta, mesmo que o papa goste ou não, estando ou não contra o cânon ou a lei humana. A salvação de nossa alma é mais importante do que a observância de tirânicas e arbitrárias leis que não são necessárias para a salvação ou sequer foram ordenadas por Deus. (Lutero *apud* Pedreira, 1998, 183-184).

Lutero chegou a exaltar certa vez o matrimônio acima da virgindade, por considerar o último como uma fuga da responsabilidade social.

João Calvino foi outro importante reformador neste processo e construiu seu pensamento em bases semelhantes às de Lutero. Calvino desenvolveu em sua teologia uma visão mais realista e menos idealista do ser humano, gerando uma moral mais adequada para lidar com as ambiguidades humanas. Segundo Calvino, não se pode lidar com a humanidade idealizando-a sem quaisquer vícios. “Certamente é desejável que nenhum vício seja tolerado; mas devemos estar abertos para aquilo que é possível”. (Calvino *apud* Pedreira, 1998, 84,85). Com sua ênfase na teologia da salvação pela graça somente através da fé, Calvino criou condições favoráveis para o florescimento de uma ética protestante consistente que nascia na Reforma. A teologia calvinista está em pleno acordo com a famosa frase atribuída a Sêneca, que diz: “Eu sou humano e nada do que é humano me é estranho”. A ética calvinista, assim, fala de uma santidade possível, sem perder de perspectiva a latente pecaminosidade humana.

Calvino condenou também o celibato obrigatório, para o qual deveria ser restrito apenas àqueles que tinham tal vocação, os quais deveriam assumi-la de forma espontânea.

E não tem motivo de que se gloriar o que não toca em uma mulher, de que realmente não fornicava com ela, e que por isso mesmo não é culpado de desonestidade, se em meio a tanto, seu coração se abrasa nas chamas da luxúria. Porque São Paulo define a verdadeira castidade como pureza da alma, ao invés de castidade do corpo. (Calvino, 1999, 294).

Outro aspecto do ensino romano que os reformadores reagiram naquele tempo foi a sacramentalização do casamento. Seguindo a linha de Erasmo de Rotterdam, Calvino argumenta contra a doutrina romana do casamento como um sacramento. “A ordenança de Deus [do matrimônio] é boa e santa; porém, o são também os ofícios de lavradores, pedreiros, sapateiras e barbeiros, os quais, sem dúvida, não são sacramentos”. (Calvino, 1999, 1165).

Para ele, o casamento é uma ordem dada a todo ser humano, e por isso não poderia ser um sacramento. Calvino respondeu a algumas objeções daqueles que pretendia fazer do casamento um sacramento.

Combatendo a alegação de que o casamento é um sacramento porque é um sinal da união de Cristo com a Igreja, Calvino responde que seguindo tal lógica hermenêutica faríamos da prática pastoril e até mesmo o latrocínio também um sacramento. (Calvino, 1999, 1165). Uma simples comparação ou semelhança não torna uma determinada prática num sacramento.

Outra alegação contra a qual argumenta Calvino é a de que Paulo teria colocado o matrimônio como sendo um sacramento. Calvino aponta que essa tese estava equivocada, visto que se fundamenta numa má tradução do texto de Efésios 5.32, que diz: “Grande é este mistério [e não sacramento], mas eu me refiro a Cristo e à Igreja”.

A posição dos reformadores era tão revolucionária naquele tempo que o Concílio de Trento, lhes respondeu no calor da Contra-Reforma, influenciado pelas ideias tomistas, declaram anátema todos aqueles que viessem a dizer

“ser o estado conjugal preferível ao de virgindade e celibato e não ser melhor e mais abençoado permanecer na virgindade ou no celibato do que unir-se pelo matrimônio.” (Gardner, 1965, 258).

No entanto, é importante ressaltar também que os reformadores não deixaram de demonstrar certa dificuldade em lidar com alguns aspectos da sexualidade em sua época.

Apesar de tirar do casamento o estigma de remédio de concupiscência, a procriação ainda continuava a ser a única justificativa para a sexualidade conjugal. Sendo assim, o dualismo ainda permaneceria de pé, apenas coberto agora pelo sagrado véu do matrimônio. A prevalecer esta observação percebe-se que o reino do dualismo ainda estava presente não somente em Roma, mas também em Wittenberg e Genebra. (Cole *apud* Pedreira, 1998, 287).

É importante lembrar que cada pensador precisa ser entendido dentro de seu contexto histórico específico, pois cada pessoa é em grande medida fruto do seu tempo.

1. 5. A Espiritualidade e a Sexualidade no Movimento Puritano

O Movimento Puritano surgiu no século XVI com o objetivo básico de reformar a Igreja da Inglaterra “dos restos do papado”. Os puritanos permaneceram fiéis aos postulados básicos da Reforma Protestante e viu na sexualidade dentro do casamento uma expressão da bondade de Deus.

Os teólogos calvinistas do puritanismo, não somente seguiram as pegadas conceituais básicas dos reformadores, mas, desenvolveram, eles mesmos, uma visão bastante ampla da sexualidade e do casamento, indo, em muitos aspectos, além daquilo que os próprios Lutero e Calvino conceberam inicialmente, representando importante avanço na integração entre

espiritualidade e sexualidade. Naturalmente, é completamente cabível que houvesse uma progressão natural e um amadurecimento no pensamento reformado por parte dos calvinistas ingleses, como sucessores da Reforma. Esse fato pode ser visto até mesmo como uma evidência da força do calvinismo como sistema teológico.

O termo “puritano” possui hoje uma conotação bastante pejorativa, sendo muitas vezes sinônimo de estreitismo, legalismo e alienação. C. S. Lewis, que foi professor de literatura medieval e renascentista na Universidade de Cambridge, defende, entretanto, que essa visão não é muito correta, pelo menos no que diz respeito aos puritanos históricos, que viveram na Inglaterra nos séculos XVI e XVII. C. S. Lewis propõe que devemos “imaginar os puritanos exatamente como o oposto daqueles que levam esse nome hoje”.⁷ Morton Hunt, fazendo uma esclarecedora definição do movimento puritano, diz que “o Puritanismo do século dezessete era quieto, severo, e piedoso, mas era simultaneamente franco, fortemente sexuado, e algo romântico (...). Foi tanto um produto do Renascimento como uma reação contra ele”. (Hunt *apud* Ryken, 1992, 36).

Uma das tônicas principais do Movimento Puritanismo foi opor-se ao ensino católico medieval. É surpreendente como eles chegaram bem mais perto de superar a dualista da vida que vinha prevalecendo no pensamento cristão. Os puritanos tinham uma visão integral do mundo e não faziam diferenciação entre o sagrado e o secular, pois para eles toda a vida do cristão deveria ser vivida para a glória de Deus.

John Cotton escreveu certa vez: “Não apenas minha vida espiritual, mas até minha vida civil neste mundo, e toda a vida que vivo, é pela fé no Filho de Deus: ele não isenta qualquer parte da vida da agência de sua fé.” (Cotton *apud* Ryken, 216, 1992). Essa era a visão também de William Perkins. Ele diz: “a ação do camponês cuidando de suas ovelhas, feita conforme deve ser, é tão boa obra diante de Deus quanto a ação do juiz em dar uma sentença, ou de um

⁷ Lewis, In: Revista *Os Puritanos*. São Paulo: Facioli Editora, janeiro/fevereiro, 1997, Bimestral, p. 16.

magistrado na regência, ou de um ministro na pregação da Palavra.” (Perkins *apud* Guinness, 2001, 42).

Os puritanos expressavam um desejo de restaurar o senso de totalidade da vida. Richard Sibbes escreveu que é “um conceito abominável distinguir a religião da política e do governo, como se as razões da religião fossem uma e as razões do Estado fossem outra coisa”. (Sibbe *apud* Ryken, 1992, 216). Os puritanos não compartimentalizavam a vida entre aquilo que é espiritual e o que é secular. É importante lembrar que os teólogos de Westminster declararam documentalmente que “o fim supremo e principal do homem é glorificar a Deus e gozá-lo plena e eternamente”.⁸ Assim, para eles, toda a vida deveria ser vivida para a glória de Deus.

A superação do dualismo no movimento puritano é vista também no campo do conhecimento. Ao contrário da visão grega (com suas especulações filosóficas universais e abstratas, e, não raramente, pouco aplicável à vida prática), os puritanos concebiam o conhecimento como algo prático, vivencial. Para eles, a sabedoria não está relacionada ao acúmulo de conhecimento, mas à vida prática, à capacidade de colocar o conhecimento em prática, relacionando-o a como a pessoa vivia, suas atitudes e comportamento. Willian Ames dizia que a teologia é “a doutrina de viver para Deus”. (Ames *apud* Ryken, 1992, 226). Para os puritanos, academia e piedade deveriam andar juntas.

Acerca do prazer sexual no casamento, Thomas Gataker afirmou que “o leito do matrimônio (disse o apóstolo) é em si livre de impureza (...). Mas diz o espírito de Satanás, falando por esses homens, ou melhor, bestas; o casamento é desonroso”. (Gataker *apud* Ryken, 56, 1992).

John Milton não apenas defende o casamento como o associa a prazeres que o próprio Deus separou para deleite dos cônjuges.

O grande sábio Salomão dentre seus mais sérios provérbios aprovou uma espécie de arrebatamento (...)

⁸ *Catecismo Maior de Westminster*, 1999, p.1.

nos entretenimentos dos lazeres matrimoniais; e em Cânticos dos Cânticos (...) canta sobre milhares de enlevos entre aqueles amáveis muito aquém do gozo carnal. Por estes exemplos, e mais que poderiam ser trazidos, podemos imaginar com que indulgência Deus supriu a solidão do homem. (Milton *apud* Ryken, 1992, 58).

Em muitos de seus escritos os puritanos usavam Gênesis 26.8, que descreve Isaque acariciando Rebeca, para argumentar que o amor erótico era legítimo. (Ryken, 1992, 59). Para os pastores puritanos o sexo é um apetite natural da natureza humana criada por Deus. Por essa razão, muitas vezes exortavam os cristãos, fundamentados em 1 Coríntios 7.15, a não negarem o ato sexual ao cônjuge, como uma forma de evitar a impureza. William Whately orientava os casais a amarem-se “com amor ardente” e os admoestou que não deveriam “ceder a si mesmos com malevolência e indocilidade, mas prontamente, e com toda demonstração de afeição abundante”. (Whately *apud* Ryken, 1992, 60). Benjamin Wadsworth também ensinava que as brigas entre cônjuges não deviam fazê-los “viver separadamente, nem se alojarem separadamente; porque se uma vez chegar a isso, Satanás terá grande vantagem sobre vocês”. (Wadsworth *apud* Ryken, 1992, 60). Ryken registra o caso em que um pastor puritano chegou a entregar um homem para disciplina eclesiástica, por negligenciar a vida sexual com sua esposa, conforme ela lhe havia relatado.

Por meio das palavras de um puritano na Nova Inglaterra chamado Samuel Willard, percebe-se como o pensamento puritano reagiu, em muitos aspectos, à filosofia estóica.

O estoicismo (...) mutila a natureza e elimina as afeições de sua atividade natural, como se elas tivessem sido dadas aos (...) homens para nada senão para serem suprimidas (...) enquanto a Palavra de Deus e as leis da religião ensinam a não destruir, mas a melhorar cada faculdade que há em nós, e em particular nossas afeições, para a glória de Deus que no-las deu. (Willard *apud* Ryken, 1992, 20).

A santidade do sexo é um conceito que pode ser percebida no pensamento puritano, assim como também na maneira como concebiam o casamento, conforme se vê nas palavras de Thomas Becon alimentando um alto conceito acerca do casamento.

(...) alta, santa e abençoada ordem de vida, ordenada não pelo homem, mas por Deus, (...) no que um homem e uma mulher são acoplados e entretecidos numa carne e corpo no temor e amor de Deus, pelo livre, amável, entusiástico e com consentimento de ambos, com a intenção de que os dois habitem juntos como uma carne e corpo, e uma mente e vontade, em toda honestidade, virtude e santidade, e passem suas vidas a compartilhar igualmente de todas as coisas quantas Deus lhes enviará, com ação de graças. (Becon *apud* Ryken, 1992, 64).

Conquanto não negligenciassem ensinar a necessidade de romantismo no casamento entre os cônjuges, os puritanos tinham também clara consciência da corrupção do coração humano e suas consequências para o relacionamento conjugal. John Oxenbridge, num de seus escritos, orienta os cônjuges a que se preparassem para os rigores do casamento “limitando sua expectativa” e lembrando-se que se “casam com um filho de Adão”.

William Gouge, expressando seu conceito de castidade conjugal, numa resposta ao Concílio de Trento a respeito do assunto, afirma:

Observe a tontice dos nossos adversários, que pensam que não há castidade senão de pessoas solteiras: sobre o que em seus discursos e escritos eles opõem a castidade e o matrimônio um ao outro, como dois contrários. (Gouge *apud* Ryken, 1992, 60).

É mais ou menos como se sexualidade e santidade no casamento fossem realidades tão interligadas que se poderia então referir-se ao matrimônio em termos de uma castidade conjugal. William Ames definiu a “castidade virginal” como “aquela que deveria ser mantida até o matrimônio” e “castidade conjugal” como “aquela que deveria ser mantida no matrimônio”, acrescentando que “um casamento legalmente contraído e observado inclui a castidade conjugal”.

O Puritanismo nutria também uma concepção relativamente positiva da mulher. O pastor puritano Henry Smith afirmou que uma boa esposa é “tal dom que poderíamos considerar de Deus somente, aceitá-lo como se Ele nos enviasse um presente do céu com seu nome nele – O dom de Deus”. (Smith *apud* Ryken, 1992). Robert Cleaver concorda com Smith.

Muito verdadeiro é que as mulheres são, como os homens, criaturas racionais e têm aptidão flexível, tanto para o bem como para o mal (...) E embora haja algumas mulheres más e lascivas, no entanto isso não prova mais a malícia de sua natureza que a dos homens e, portanto, mais ridículos e tolos os que censuraram todo o sexo por causa de alguns males. (Cleaver *apud* Ryken, 1992, 66).

John Cotton costumava dizer que as “mulheres são criaturas sem as quais não há viver confortável para os homens (...). São uma espécie de blasfemadores os que as desprezam e vituperam, e as chamam um mal necessário, porque são um bem necessário.” (Cotton *apud* Ryken, 1992, 67).

É correto dizer que a despeito dos avanços feitos os puritanos não conseguiram se desvencilhar completamente do patriarcalismo da sua época. Por exemplo, John Robinson reivindicou que “a experiência mostra ser inconveniente se uma mulher tem um pouco mais de entendimento (...) do que seu marido”. (Robinson *apud* Ryken, 1992, 206).

O avanço dos puritanos em relação a uma visão positiva do sexo pode ser sintetizado nas palavras de John Milton, quando expressa sua opinião acerca de como foi o sexo no paraíso.

Bem lado a lado se puseram, não se virou, suponho,
Adão de sua bela esposa, nem Eva os ritos
Misteriosos de amor conubial recusou:
Que quer que falem austeramente hipócritas
De pureza, ordem e inocência,
Difamando como impuro o que Deus declarou
Puro, e ordena a alguns, deixa livre a todos.
Nosso Criador ordena cresci, quem ordena abstende
Senão nosso destruidor, inimigo de Deus e dos homens?
(Milton *apud* Ryken, 1992, 68).

Curiosamente, essa visão positiva da sexualidade e do casamento não prevaleceu na história subsequente do Puritanismo. É sabido que, com o passar dos anos, o Puritanismo Histórico e Tradicional deu lugar aos poucos a outro tipo de Puritanismo distorcido, cujas premissas destoavam principalmente quanto à doutrina da sexualidade. Esse Puritanismo tardio veio a tornar-se bastante repressivo na sua essência.

O auge deste tipo de Puritanismo deu-se no reinado da Rainha Vitória (1837-1901), no século XIX, na Inglaterra. A Rainha Vitória instituiu na sociedade britânica inúmeras leis morais proibindo e condenando diversas práticas ligadas principalmente à área sexual. Neste período, entendia-se que a relação sexual da mulher “de família” não deveria ser acompanhada de qualquer prazer, mesmo quando praticado para procriação, enquanto aos homens era concedido que buscassem a satisfação fora de casa. A partir de uma nostalgia medieval, a Rainha Vitória (sua época recebeu seu nome e sua marca: era vitoriana) pregava que “a força brutal do desejo sexual é desconhecida pela mulher honesta”. Os autores Lins & Braga afirmam que, paralelo à moral vitoriana, “os bordéis cresciam e a hipocrisia social atingia os píncaros” (Lins; Braga, 2005, 436). Foi debaixo desse amparo consensual que

os puritanos tardios desenvolveram uma teologia e práxis bastante distorcida e pessimista em relação a sexualidade que veio a exercer grande influência no movimento evangélico pelo mundo.

Assim, a história presenciaria mais uma vez a insistente separação entre espiritualidade e sexualidade. Paradoxalmente, a despeito de sua base sexualmente libertadora, o Puritanismo tornou-se um dos movimentos mais repressores da história do ocidente em relação à sexualidade.

2º CAPÍTULO

A PEDAGOGIA SEXUAL NO PROTESTANTISMO BRASILEIRO

2. 1. A Moral Sexual Evangélica

Alguns autores têm afirmado que o movimento de mulheres deve ser mais radical em sua busca, indo além de uma simples reforma na sociedade. Analisam que enquanto a produção e a produtividade na sociedade não estiverem nas mãos dos próprios indivíduos, a emancipação econômica e cultural da mulher só lhes dará parte igual no sistema de trabalho alienado.

Segundo Marx, a situação operária é a expressão mais geral da alienação humana. A prostituição é apenas uma forma mais particular da prostituição universal do operário que vende sua força de trabalho e sua vida em troca de um salário, o que transforma em simulacro todas as relações sociais. (Mantega, 1979, 62,63).

Assim, o movimento feminista na atualidade não visa apenas conquistar a igualdade com os homens para compartilhar a sua miséria, mas sim a afirmação dos valores “femininos” como sensibilidade, a ternura e a não-violência. Neste sentido, a libertação da mulher será, ao mesmo tempo, a libertação do homem.

O pesquisador Antônio Máspoli de Araújo Gomes observa que a ambiguidade nas ciências médicas e psicológicas, que atua ora como meio de libertação da sexualidade e ora como agente de repressão, pode ser percebido

também na pedagogia sexual evangélica, acrescido de outros fatores próprios do protestantismo puritano. (Gomes, 2006, 25).

É conhecida a importância que os chamados especialistas das ciências sociais e ciências médico-biológicas acabam tendo na vida das pessoas em geral.

Já vimos, anteriormente, a maneira pela qual o sexólogo pontifica lugares-comuns cuja importância acaba por depender exatamente do título de quem a pronuncia, isto é, a (o) “especialista” transforma-se numa espécie de tribunal de última instância, pronto a distinguir o bem do mal, o certo do errado. Neste sentido, todas estas ciências fornecem um material altamente sofisticado de mistificação social e reprodução de valores tradicionais. (Mantega, 1979, 80).

O discurso relacionado ao amor, sexo, educação de crianças e saúde veiculado na literatura publicada e consumida no contexto evangélico no Brasil mantém basicamente o mesmo padrão de mediocridade destes escritos em face da complexidade sociocultural em que vivem as pessoas, e se comparado também a riqueza do que se tem produzido acerca do tema na atualidade. Reforçando caricaturas e repetindo lugares-comuns, esse material se coloca a serviço de uma classe dominante.

Ainda muito cedo, as mulheres se veem presas a limites sociais muito estreitos onde se desenvolve a vida da mulher.

O espaço privado é colocado como o ambiente natural da mulher, em contraste com o ambiente público dominado pelos homens. Se em épocas passadas a unidade doméstica constituía a célula produtiva das sociedades, a separação histórica entre lar e local de trabalho se deu concomitantemente às transformações no processo de produção, levando à perda de importância de papel econômico da família. Assim, a produção fora de casa tornou-se

sinônimo de trabalho, as atividades realizadas na esfera do lar passaram a ser consideradas como prolongamento naturais das características específicas do sexo feminino. (Mantega, 1979, 71).

O trabalho doméstico perdeu, assim, toda a aparência de atividade produtiva, pois realiza-se fora do processo capitalista de produção e circulação de mercadoria, as quais são valorizadas segundo uma escala de preços monetários.

No livro *Casamento Blindado*, a ideia da vida privada como o ambiente natural da mulher é claramente reforçada. Embora os autores declarem que são favoráveis às mulheres terem direitos, em outro lugar afirmam:

Uma coisa é você ter direitos iguais; outra coisa é querer cumprir papéis iguais. Homem e mulher sempre tiveram direitos iguais aos olhos de Deus, já que Ele não criou um melhor que o outro. Mas os papéis que lhes foram designados são bem diferentes. O problema começa quando a mulher quer cumprir o papel do homem no casamento e na família. (Cardoso, 2012, 139).

Segundo os autores, certos papéis do homem e da mulher estão registrados no seu próprio DNA:

Considere uma agravante: o homem foi designado o provedor da família. Quer dizer, não há como ele fugir dessa maldição. Ele tem que trabalhar, e trabalhar para tirar o sustento de uma terra que se tornou inimiga dele. A pressão de sustentar a família, de ser o caçador, de não deixar a família passar necessidade, faz o homem cobrar de si mesmo o resultado do seu trabalho. É uma questão de honra, de orgulho próprio, de satisfação aos pais da esposa, e até mesmo de senso de valor próprio.

Este impulso de querer provar o próprio valor através do trabalho e de suas conquistas está no DNA do homem. (Cardoso, 2012, 96).

E o que acontece quando essa mãe extremada, esposa atenciosa e funcionária exemplar, precisa também ser a amante ideal?

Maria Quartim de Moraes, em um importante estudo sobre a “nova” moral sexual das revistas femininas, falando sobre o assunto, considera que toda mulher aspira às delícias do amor, e deseja amar e ser amada, mas lamenta a sensação de solidão, a impotência e as dificuldades que experimentam em amoldarem aos “padrões femininos”, e aos quadros estereotipados impostos pela sociedade à sexualidade feminina.

Mas conhecemos a realidade amorosa de forma ambivalente, pois temos que nos submeter aos ritos: por que tantas exigências menores, tanta encenação e dramatização? Será impossível desfrutar do amor sem os artifícios da maquiagem, da moda, dos maneirismos dos gestos estereotipados e da voz afetada (ou “calidamente infantil”, como dizem os romances água-com-acúcar)? E sem a subordinação à lógica da dominação, obrigando-nos ao desempenho exclusivo de um tipo de sexualidade: a do corpo erótico que só existe na medida em que o Outro o valoriza? (Mantega, 1979, 70).

No livro *O Ato Conjugal*, reforçando notadamente a posição meramente passiva da sexualidade feminina, é dado a seguinte orientação às mulheres:

Deus determinou que o homem fosse o agressor, o provedor, e o chefe da família. Por alguma razão, isto está ligado ao seu impulso sexual. A mulher que

desgosta do impulso sexual do marido, embora admire sua liderança agressiva, faria bem se encarasse o fato de que não pode haver uma sem o outro. (...). A velha tolice puritanística de que “uma dama nunca dá a entender que aprecia o sexo” está em franco conflito com a necessidade do cavalheiro de saber que sua esposa aprecia totalmente seus carinhos. Os conceitos da era vitoriana não parecem fazer distinção entre as proibições pré-conjugais e os tabus que cercavam o sexo no casamento. Naturalmente, uma mulher cristã equilibrada não fará alarde de sua apreciação do sexo; isso é um assunto inteiramente pessoal. Há muitas mulheres inseguras, que parecem acreditar que devem parecer “sexy” em público. Isso é uma distorção do instinto sexual. Uma mulher verdadeiramente segura de si deve reservar seus atrativos sexuais e satisfação apenas para o marido. Isso lhe proporciona grande satisfação. Aliás, quando ele sabe que a união foi apreciada por ambos, isso torna seu prazer sexual mais pleno. Uma mulher inteligente e atenciosa fará todo o possível para demonstrar ao marido que ele é um grande parceiro no amor e que ela aprecia suas relações sexuais. (LaHaye, 1989, 27,30,31).

É comum nestes livros, através de concepções extremamente reacionárias sob a capa de um certo liberalismo e, principalmente, apoiado na “ciência”, repetirem o lembrete de que o homem tem seu desejo sexual despertado pela estimulação visual, e que a mulher deve estar sempre atraente ou extravagante de modo a despertar a atenção do marido, reduzindo a sexualidade feminina a um reflexo do desejo masculino.

Procura ser atraente para ele: é necessidade básica do homem se sentir atraído fisicamente pela esposa. O homem é muito mais atraído pelo visual do que a mulher,

por isso, a esposa deve cuidar de sua aparência física. Interessante que antes do casamento, as mulheres são muito mais cuidadosas a esse respeito do que depois, como se só pelo fato de ter conquistado um homem, agora não precisem manter a conquista. Se ele gosta de vê-la maquiada, ela deve se maquiar por amor, para manter a química entre eles. Às vezes, por saber que a esposa é sensível, o marido não faz esse tipo de exigência, mas cabe a ela saber das necessidades dele. A mulher tem de se cuidar para manter a chama da atração física. (Cardoso, 2012, 162).

Coitadas das mulheres que, em sua esmagadora maioria, não preenchem os requisitos daquilo que hoje se entende por beleza. No livro *Casamento Blindado*, já citado, os autores propõem que, para vencer a ditadura da beleza imposto pela sociedade, as mulheres devem se concentrar naquilo que agrada ao marido, e não no que está sendo ditado pela última moda ou revista.

Nós, mulheres, não devemos querer competir com as modelos photoshopadas das revistas. Devemos, sim, investir em nossa feminilidade, que também chama muito a atenção de nossos maridos. A feminilidade faz parte da beleza da mulher, mesmo que a moda não acentue mais isso. (...). Às vezes nós, mulheres, queremos nos embelezar pelos motivos errados e acabamos ignorando o que realmente interessa aos nossos maridos. Descobri há alguns anos que o que o Renato [coautor, e marido] acha mais sexy em mim é a minha autoconfiança, o que nem sempre esteve em alta. Ou seja, na época em que me achava sem graça e vivia tentando mudar o meu estilo de cabelo, o meu estilo de roupa e a minha maquiagem, estava deixando de ser sexy! Com todas aquelas inseguranças, todo o investimento físico não

adiantava nada em meu casamento. (Cardoso, 2012, 163).

Maria Quartim de Moraes descreve as revistas femininas como *Nova* e congêneres, considerada uma revista para mulheres “liberadas” (a mulher *Nova* é jovem, no estilo europeu de juventude que inclui a faixa dos 30 anos, charmosa, bonita, entendendo que a beleza pode ser conquistada através de “10 cirurgias plásticas que podem fazer você mais bonita” e “Dez ideias geniais para mudar – e melhorar – sua aparência” e atualizar acerca das últimas novidades sobre relações sexuais), como um gênero que assume todos os estereótipos sociais sobre a feminilidade, entendida como objeto sexual que “se assume”.

Circunscrever a vida real das mulheres nos limites estreitos de figuras biônicas (a manequins que ilustram a revista parecem mais bonecas do que mulheres) que tudo conseguem resolver, que sempre são belas, jovens e vitoriosas, constitui a tônica editorial de *Nova* e similares. (Mantega, 1979, 78).

Para a pesquisadora, o problema com tais revistas, é que elas fazem uma verdadeira abstração da História. Revistas em que as condições de existência de uma minoria privilegiada terminam por serem apresentadas como “a” forma “natural” de viver, e onde os inúmeros problemas reais que os cidadãos – e as cidadãs, principalmente – enfrentam cotidianamente não merecem nenhuma referência.

E esta absoluta descaracterização das próprias condições sociais em que homens e mulheres relacionam-se sexualmente, esta abstração da História, este descompromisso com a realidade cotidiana

comprometem toda a possibilidade de tais revistas cumprirem um papel informativo, crítico e esclarecedor para suas leitoras. (Mantega, 1979, 79).

Moraes analisa também outro gênero de revista feminina representado por *Carícia* e similares que não se repete da mesma forma no contexto da literatura voltada para orientação sexual evangélica, em função do aspecto da permissividade, mas que vale a pena considerar aqui. Enquanto a revista *Cláudia* e congêneres, segundo a pesquisadora, se ocupa com as mães-donas-de-casa, e as mulheres “liberadas” leem *Nova*, a introdução à sexualidade adulta, constitui o eixo editorial de revistas para adolescentes como *Carícia*, cujas leitoras, jovem de 15 a 19 anos, recebem uma mensagem “bem mais flexível no tocante à sexualidade”. Ela considera que o namoro, a masturbação, o primeiro beijo, a perda da virgindade e o orgasmo são assuntos privilegiados e, via de regra, tratados de uma forma arejada, ou seja, sem muito moralismo e desvinculando a questão do prazer dos imperativos da reprodução biológica. Para a pesquisadora, no entanto, o reverso da medalha é a abstração irresponsável das condições concretas de existência das leitoras.

Pois, é preciso tirar as consequências dos próprios conselhos dados: como a jovem pode desfrutar tranquilamente do início de sua vida sexual adulta quando o perigo da gravidez está rondando por aí? O que propor quando os anticoncepcionais não forem corretamente empregados ou quando falharem? Dados da ONU registram mais de 2 milhões de abortos clandestinos anuais no país, com as consequências dramáticas de uma intervenção cirúrgica realizada fora do ambiente hospitalar. É impossível, portanto, ignorar o fato de que a sexualidade “bem transada” supõe a existência de condições que antecedem e sucedem ao ato sexual. (Mantega, 1979, 77).

2. 2. A Reforma de Martinho Lutero no Casamento

O casamento de Lutero com a ex-freira Katharina von Bora está entre os eventos mais importante da Reforma Protestante. Alguns autores consideram que a revolta de Lutero e seu subsequente casamento representam para a sua ética aquilo que a pregação de suas teses e sua defesa em Worms representam para a teologia. O significativo impacto deste acontecimento aliado aos seus ensinamentos sobre os benefícios e a necessidade do casamento, não apenas na reforma da Alemanha, mas também em todo o mundo evangélico até os dias de hoje, é algo, no entanto, ainda pouco conhecido pelas pessoas. (Piper, 2009, 271).

Em resposta a busca da castidade como ideal cristão de santidade, em contraste com o casamento, fruto do pessimismo sexual herdado da Idade Média, Lutero ensinou que o casamento deveria ser incondicionalmente valorizado, pois, segundo ele, o homem e a mulher são boas criação de Deus, e que crescer e multiplicar é obra divina, e a natureza implantada no ser humano, a sexualidade, é não apenas algo natural mas mais importante do que comer e beber, dormir e vigiar, encher e esvaziar a bexiga. E mesmo que muitos quisessem resistir, isso se revelava impossível, o qual acabava tomando o seu curso por meio da fornicção, adultério e masturbação, pois trata-se de algo da natureza e não da livre vontade.

Lutero, após explicar, com base no texto de Mateus 19.12, o que ele chama de três categorias que Deus excetuou da criação (a saber, a) os castrados natos, impotentes sexuais desde o ventre da mãe, b) os castrados por mãos humanas, os eunucos, c) e aqueles que, embora aptos para o casamento por natureza e fisicamente, continuam solteiros espontaneamente, capacitados pela graça de Deus, a respeito dos quais ele afirma que são raros, visto não se encontrar um entre mil, pois são especial obra milagrosa de Deus), sugere às pessoas que fizeram o voto de castidade dentro ou fora do convento a examinar a sua situação se se enquadram em uma das três categorias que Deus excetuou, e não se confirmando deveriam tornar inválido o voto feito:

Se quiseres fazer um voto sábio, jura que não irás morder teu nariz. Isso podes cumprir. No entanto, uma vez feito o voto, lembra-te do que foi dito anteriormente; examina tua situação se te enquadras em umas das três categorias que Deus excetuou. Caso sintas que não te enquadras em nenhuma delas, esquece votos e convento e junta-te sem demora com teu companheiro natural e casa. Pois teu voto contraria a Deus e de nada vale. Dize: Prometi algo de que não disponho e que não é meu. (Lutero, 2011, 168).

Lutero ressaltou em seu tempo os benefícios do casamento, e entre os vários motivos pelos quais as pessoas deveriam aspirar o casamento, ele destacava a necessidade:

Existem muitos motivos para casar. Alguns se casam por causa de dinheiro e bens; grande parte casa-se por paixão, à procura de prazer e satisfação; outros ainda para gerar herdeiros. S. Paulo aponta este um, e em princípio não conheço outro mais forte do que esse: a necessidade. Sim, necessidade. A natureza procura realizar-se, quer fecundar e multiplicar-se e Deus não quer que isso aconteça fora do matrimônio. Portanto, por causa dessa necessidade, todos têm que procurar o matrimônio, se quiserem viver de boa consciência e orientar-se em Deus. (Lutero, 2011, 205)

E também ressalta os problemas da fornicação que a vida matrimonial ajuda a evitar:

(...) a fornicação não destrói apenas a alma, mas também o corpo, bens, honra e relações familiares, pois se constata que essa vida lasciva e indisciplinada não é apenas um grande escândalo, mas também uma vida desonesta e que custa mais do que uma vida matrimonial. (Lutero, 2011, 179).

É absolutamente revolucionário e surpreende o ensinamento de Lutero concernente à virgindade e o casamento em contraste com a vida monástica de sua época. Em seu comentário ao texto de 1 Coríntios 7.25,26, Lutero iguala a virgindade e o casamento estabelecendo que ambos são estados abençoados e honrados diante de Deus:

Até aqui ouvimos suficientes elogios ao estado matrimonial. Agora queremos também proclamar suas adversidades e honrar a virgindade. Se não fosse S. Paulo, seria simplesmente aborrecedor o fato de conceder louvor tão escasso e honra tão minguada à virgindade. Em primeiro lugar, diz que a virgindade não é ordenada por Deus tão pouco quanto o estado matrimonial. Isso significa que deve estar na livre decisão de cada um. Com isso, porém, lhe tira toda a honra que até agora lhe está sendo atribuída por todos os grandes pregadores. Pois onde não há mandamento, também não há mérito ou recompensa diante de Deus, mas é assunto livre em si. Porque perante Deus é a mesma coisa que sejas virgem ou não. E do mesmo modo como acima disse: “Quem foi chamado sendo escravo é liberto do Senhor”, também se pode dizer aqui: Quem foi chamado sendo virgem é mulher diante de Deus. Pois perante Deus tudo tem o mesmo valor e não há distinção da pessoa nem mérito de obras, mas somente a mesma fé em todos e por meio de todos. (Lutero, 2011, 222).

Em 1524, Lutero escreveu um importante texto intitulado “*Os pais não devem forçar os filhos ao matrimônio nem impedi-los e os filhos não devem contratar casamento sem o consentimento dos pais*”, no qual aconselha os jovens a que não contratassem casamento sem o conhecimento dos pais, mas adverte veementemente também aos pais a não impedir ou coibir um casamento nem muito menos obrigar ao casamento ou insistir nele. Por trás dessas admoestações encontravam-se diversos casos de despotismo paterno.

Embora os pais tivessem direito e poder de coibir o casamento, não se segue disso que também tivessem o poder de obrigar a ele. Pois é mais tolerável que o amor entre duas pessoas seja separado e impedido do que juntar à força duas pessoas que não têm afeição nem amor uma à outra, porque no primeiro caso o sofrimento dura pouco tempo, enquanto no segundo caso é de se temer um inferno eterno e a infelicidade para toda a vida. (Lutero, 2011, 232).

Ao tratar de problemas públicos relacionados a fornicção e a prostituição, em seu texto intitulado “*Os bordeis públicos não devem ser tolerados*”, escrito em 1539, Lutero estabelece porque a fornicção é contrária a vontade de Deus:

Assim também S. Paulo escreve aos efésios que a fornicção não deve sequer ser mencionada entre os cristãos [Ef. 5.3]. E em 1 Coríntios 7.2 diz que, para evitar a fornicção, cada qual tenha sua própria mulher. Em todas as epístolas ele insiste nisso e proíbe a fornicção. (Lutero, 2011, 288).⁹

⁹ Francis A. Schaeffer, através de uma abordagem bíblico-teológica do assunto, aponta três razões segundo as quais as relações sexuais indiscriminadas são erradas: “(1) É claro que a primeira razão deve-se ao fato de Deus o haver dito. Deus é o criador e o juiz do universo; seu

2. 3. A Virtude do Sexo

A despeito da revolução que os ensinamentos de Lutero representaram em sua época, é possível perceber ainda certo ranço do pessimismo sexual em seus escritos. Após estabelecer todo um arrazoado a favor do casamento, Lutero não deixa de ver também as dificuldades e o pecado.

Com todo esse louvor à vida matrimonial, porém, não quero ter feito a concessão à natureza como se ali não existisse pecado. Pelo contrário, afirmo que carne e sangue, corrompidos por Adão, são gerados e nascido em pecado como reza o Sl 51.5. Afirmo ainda que nenhuma relação sexual no matrimônio é isenta de pecado. No entanto, Deus o desconsidera por graça, porque a ordem matrimonial é sua obra, e, inclusive em meio e através do pecado, preserva todas as coisas boas que nele implantou e para as quais concedeu sua bênção. (Lutero, 2011, 183).

caráter é a lei do universo e quando ele diz que algo é errado, este algo é errado – ou o que Deus significa para nós não seria de maneira alguma o Deus que retratam as Escrituras. (2) Em segundo lugar, entretanto, não devemos nos esquecer nunca de que Deus nos criou para que realmente satisfizéssemos em nossos relacionamentos, aquilo para o que fomos criados, e, por isso, uma relação sexual correta nos faz bem, estando de acordo com aquilo para que fomos criados. Ter relações sexuais promíscuas não nos traz uma satisfação verdadeira. Não foi para isto que Deus nos criou. A promiscuidade tenta forçar algo numa forma que não foi concebida por Deus para esse fim e na qual não pode haver satisfação. (3) A terceira razão é a de que estamos tratando mais detalhadamente neste estudo: sabemos que as relações sexuais promíscuas são erradas porque quebram a imagem, isto é, o relacionamento do homem e a mulher, que Deus quer que exista no casamento. (...) O relacionamento de Deus com o seu povo se baseia em sua natureza e a relação sexual fora do casamento destrói este paralelo que a Bíblia traça entre o casamento e o relacionamento de Deus com seu povo. E isto é algo sério. Tanto no Velho como no Novo Testamentos, a Bíblia fala veementemente contra toda promiscuidade sexual. As Escrituras não tratam deste assunto superficialmente.” (Schaeffer, 1991, 8,9).

Sabe-se das divergências em relação a interpretação desta citação de Lutero. Alguns autores, por exemplo, defendem que Lutero está a afirmar neste texto apenas que o pecado está ligado ao ato sexual, mas o casamento é a matriz para a redenção do sexo, ou, em outras palavras, que, em sua teologia do sexo, Lutero está a ensinar apenas, em seu tempo, que, por meio do casamento, o sexo se tornou um bem moral, uma expressão da vontade de Deus. (Piper, 2009, 300).

A despeito das divergências, porém, não podemos deixar de considerar que Lutero também é homem de seu tempo, e embora considera, em seu ensinamento, que o matrimônio é obra de Deus e que, por isso, graciosamente, não repara no pecado, não deixa de ver pecaminosidade nas relações sexuais.

Ben Patterson, colaborador em um dos capítulos do livro *Sexo e Supremacia de Cristo*, organizado por John Piper e Justin Taylor, considera que a bondade intrínseca do sexo pode ser vista a partir da bondade da criação. Deus o fez bom porque o fez *ex nihilo*, a partir do nada. O que vemos neste mundo agradável não é o melhor que Deus pôde fazer com algum material inferior. Ninguém trouxe a Deus a matéria prima da criação pôs em seu colo e disse: “Agora veja o que você pode fazer com esse material”. Suas únicas limitações eram as de sua própria mente. Foi feito com o melhor dos “materiais” – os pensamentos e desejos de um Deus de amor e de sabedoria. Patterson observa que não foi assim nas estórias de criação dos pagãos, antigos ou modernos. Não importa que existissem deuses, eles foram forçados a trabalhar com algum material preexistente, normalmente de qualidade inferior.

No mito da criação da Babilônia, Marduque, deus da Babilônia, formou o mundo a partir de uma violenta luta com a grande serpente marinha Tiamat. De acordo com o mito, o mundo como o conhecemos foi formado a partir da violência e da morte, a partir do cadáver da grande serpente. A mensagem do mito é a de que existe dor,

maldade, doença e injustiça no mundo porque o material que os deuses tinham para trabalhar tinha defeitos, desde o início. Mas, de acordo com a Bíblia, não é assim com Deus ou com seu mundo ou com nossos corpos. Ele criou os céus e a terra graciosa e livremente, utilizando os melhores dos materiais – o que estava em sua sabedoria, em seu amor e em seu sagrado coração. (Piper, 2009, 64).

Assim, segundo Patterson, o sexo é bom porque o Deus que criou o sexo é bom. E Deus é bastante glorificado quando recebemos essa dádiva com ação de graças e desfrutamos dela do modo que ele planejou que fosse desfrutada.

O cristianismo realmente se distancia das concepções pessimistas da natureza, conforme percebido em algumas culturas do mundo antigo. A maneira como a palavra “carne” é empregada pelos autores bíblicos é uma evidência de que a Bíblia não tinha o mesmo conceito do dualismo grego, onde a matéria é, por definição, má, enquanto o espírito é bom. Em Gálatas 5. 19-21, por exemplo, Paulo faz uma lista dos pecados da carne, e enumera diversas práticas, tais como idolatria, inimizade, ciúme, inveja e discórdia, pecados estes que são gestados na alma, e não no corpo. A palavra “carne”, portanto, é empregado neste texto por Paulo como natureza pecaminosa do homem que o permeia tanto o corpo quanto a alma; e da mesma forma a redenção alcança o ser humano também no seu todo, tanto no corpo como na alma.

Insistindo na ideia de que, na Bíblia, encontramos um conceito onde sexo é algo natural e belo, Ben Patterson argumenta que o fato de estar alegremente encaixado na Bíblia, entre a Lei e os Profetas, um pequeno livro chamado Cantares de Salomão, ao qual ele chama de “a melhor de todas as canções de amor”, é uma das evidências mais marcantes deste fato.

Isso é único no Antigo Testamento. Por causa de sua preocupação com a aliança, o interesse do Antigo

Testamento em sexo recai basicamente sobre a procriação. Há muito poucos sinais de que deveria ser para diversão. Os Cantares de Salomão preenchem essa lacuna. Ele diz que, juntamente com ter filhos, o sexo é para o prazer, a alegria, a comunhão e a celebração. A gravidez não é sequer mencionado no livro! Pinta uma bela imagem daquilo com o que se parece o sexo redimido. (Piper, 2009, 58).

Citando Karl Barth, para o qual o tom do livro é *“Eros sem vergonha”*, descrevendo-o como um comentário poético de Gênesis 2.25: “Ora, um e outro, o homem e sua mulher, estava nus e não se envergonhavam”, Patterson pergunta: Se não sentiam vergonha, o que sentiam? E afirma: O Cântico de Salomão dá a resposta.

A seguir apresentamos alguns textos de Cânticos, acrescido do comentário de Patterson, onde, segundo ele, podemos ver algumas maneiras como eles se sentiam:

1.2: “Beija-me com os beijos de tua boca; porque melhor é o teu amor do que o vinho”. Essa tem de ser uma das linhas iniciais mais memoráveis da Bíblia! Compare-as com outros inícios famosos: Genesis 1.1: “No início, Deus...”; João 1.1: “No início era o Verbo...”. E aí temos o Cântico de Salomão: “Beija-me com os beijos de tua boca”. Em Hebraico, literalmente, é algo como: “Sufoca-me de beijos”. A referência ao “amor” tem conotações fortes e fisicamente eróticas, como nas carícias do amor. E deixa a ama mais eufórica, mais excitada, mais “alta” do que o vinho.

1.9: “Às éguas dos carros de Faraó te comparo, ó querida minha.” Quando sua amada minimiza sua beleza física, ele discorda veementemente e diz que ela é como uma égua da cavalaria do faraó. Mas não havia éguas na

cavalaria do faraó, porque uma égua levaria todos os garanhões a um pandemônio de excitação. Exatamente. Será que ela pensa que não é atraente? Ele pede para discordar. Ao contrário, sua capacidade de atrair os homens é como a de uma égua solta em meio a um curral de corcéis. Ela não é bonita apenas para ele, ela é bonita para os outros, também.

2.3-7: “Qual a macieira entre as árvores do bosque, tal é o meu amado entre os jovens; desejo muito a sua sombra e debaixo dela me assento, e o seu fruto é doce ao meu paladar. Leva-me à sala do banquete, e o seu estandarte sobre mim é o amor. Sustentai-me com passas, confortai-me com maçãs, pois desfaleço de amor. A sua mão esquerda esteja debaixo da minha cabeça, e a direita me abrace. Conjuro-vos, ó filhas de Jerusalém, pelas gazelas e cervas do campo, que não acordeis, nem desperteis o amor, até que este o queira.” Maçãs, passas e outras frutas eram antigos símbolos eróticos. Isso é o que seu amante é para ela. Mas ele não é apenas um símbolo; ele é a coisa real. Sua “sombra” é sua proximidade, e o efeito que ele tem sobre ela é como o de ser levado a uma sala de banquetes, literalmente a uma adega, outro símbolo do êxtase de se fazer amor. O “estandarte” do amor parece estar fora de lugar, funcionando como uma metáfora militar; talvez fale da ferocidade do amor. Qualquer que seja seu significado, fornece uma imagem dramática de uma mulher varrida pela paixão única que sente: “não acordeis, nem desperteis o amor, até que este o queira”. De maneira interessante, ela indica o autocontrole em nome das “gazelas e cervas do campo” – símbolos adicionais da paixão. Sua mensagem é de que a experiência de fazer amor é poderosa demais, arrebatadora demais para ser despertada até que os amantes estejam prontos, até que tenham o comprometimento adequado ao sexo. (...).

2.16,17: “O meu amado é meu, e eu sou dele; ele

apascenta o seu rebanho entre os lírios. Antes que refresque o dia e fujam as sombras, volta, amado meu; faze-te semelhante ao gamo ou ao filho das gazelas sobre os montes escabrosos.” “O meu amado é meu, e eu sou dele” – essa fórmula aparece em pontos-chaves em Cantares para enfatizar a exclusividade do comprometimento dos amantes um para com o outro. Também é uma fórmula em termos humanos do que é verdadeiro a respeito de Deus e de seu povo (Os 2.23). No contexto de exclusividade monógama, amorosa, gloriosa, seu amante “apascenta o seu rebanho entre os lírios!” Lírios, ou lótus, descreve não apenas a beleza do amado, mas são também metáforas dos lábios de um homem (5.13), e da parte do corpo da mulher em torno de seus seios (4.5). Ela gosta tanto disso que quer que dure toda a noite: “Antes que refresque o dia, e fujam as sombras, volte meu amor”. Especificamente, ela quer que ele “corra como uma gazela ou um jovem cervo nas montanhas escabrosas”. Aqui ela visualiza seu amado apreciando suas “montanhas”, os contornos e depressões de seu corpo (4.6).

Ele então fala eloquentemente com muitas metáforas e símiles para estimular a imaginação do leitor menos criativo.

7.1-9: “Que formosos são os teus passos dados de sandálias, ó filha do príncipe! Os meneios dos teus quadris são como colares trabalhados por mãos de artista. O teu umbigo é taça redonda, a que não falta bebida; o teu ventre é monte de trigo, cercado de lírios. Os teus dois seios, como duas crias, gêmeas de uma gazela. O teu pescoço, como torre de marfim; os teus olhos são as piscinas de Hesbom, junto à porta de Bate-Rabim; o teu nariz, como a torre do Líbano, que olha para Damasco. A tua cabeça é como o monte Carmelo, a tua cabeleira, como a púrpura; um rei está preso nas tuas tranças. Quão formosa e quão aprazível és, ó amor em

delícias! Esse teu porte é semelhante à palmeira, pegarei em seus ramos. Sejam os teus seios como os cachos da vide, e o aroma da tua respiração, como o das maçãs. Os teus beijos são como o bom vinho, vinho que se escoia suavemente para o meu amado, deslizando entre seus lábios e dentes”. De uma maneira simples, ele sente em relação a ela o mesmo que um estudante expressou para mim acerca do amor que sentia por sua noiva: “Eu olho para ela... e não consigo respirar!”. Seios como cachos de uvas? Será essa realmente a Bíblia, a Palavra de Deus? Realmente é. Como o sexo pode ser tão íntegro e ricamente erótico quando desfrutado nas formas e no contexto que Deus planejou! (Piper, 2009, 58-61).

2.4. Amor, Eros e Sexualidade

Em seu livro *O Matrimônio*, Sören Kierkegaard, revelando uma profunda percepção em relação a atitude da cultura ocidental acerca da sexualidade e do casamento em sua época, declara: “Entregando-se à crítica do matrimônio, nossa época declara-se a favor do amor excluindo o matrimônio, e, por outro lado, admite o matrimônio, excluindo o amor.” (Kierkegaard, 1994, 24).¹⁰

Embora na sociedade ocidental existem vários tipos de amor (amor eros, amor sexual, amor ágape, amor philia), na Bíblia, entretanto, amor é uma palavra simples e abrangente ao mesmo tempo. Eduardo Rosa Pedreira observa que, no Antigo Testamento, a palavra “*Aheb*” (amor) é empregada para várias dimensões do amor: tanto para a dimensão fraterna (Genesis 25.28; 1 Samuel 16.21; 18.1), como para a dimensão afetiva (Gênesis 24.67, 1 Samuel 18;18), como para a dimensão espiritual (Salmos 31.23; 116.1), e para

¹⁰ A música “*Sexo e Amor*”, de autoria conjunta de Rita Lee e Arnaldo Jabor, expressa bem a tendência da nossa época de separar sexo do amor: “Amor é um livro – sexo é esporte/ Sexo é escolha – amor é sorte; Amor é pensamento, teorema/ Amor é novela – sexo é cinema; Sexo é imaginação, fantasia/ Amor é prosa – sexo é poesia; O amor nos torna patéticos/ Sexo é uma selva de epiléticos; Amor é cristão – sexo é pagão/ Amor é latifúndio – sexo é invasão; Amor é bossa nova – sexo é carnaval/ Amor é pra sempre – sexo também; Sexo é do bom – amor é do bem/ Amor sem sexo é amizade; Sexo sem amor é vontade/ Amor é um – sexo é dois; Sexo antes – amor depois/ Sexo vem dos outros e vai embora; Amor vem de nós e demora.”

a dimensão sexual ou erótica do amor (Cânticos 1.3-7; 3.1-2). (Pedreira, 1998, 50). Assim, quando os profetas usavam a palavra “*ahab*” para falar do relacionamento entre Deus e seu povo, não viam dificuldade em utilizar a mesma palavra para referir-se ao amor entre um homem e uma mulher, por exemplo. (Isaías 43. 4; 48.14; Jeremias 31. 3; Oséias 14.4).

No Novo Testamento, percebemos uma concepção similar. D. A. Carson, contradizendo a ideia popular de que existem diferentes tipos de amor no Novo Testamento, considera uma falácia dizer que *αγαπη* (*ágape*) e *φιλεω* (*phileu*) referem-se a diferentes tipos de amor na Bíblia. Ele observa, por exemplo, que em 1 Samuel 13, a palavra *αγαπη* (*ágape*) aparece na LXX¹¹ para referir-se ao estupro incestuoso praticado por Ammon contra sua meio-irmã Tamar. Também em João 3.35 diz que o Pai ama ao Filho e usa o verbo *αγαπαω*; e, em seguida, João 5.20 repete a mesma ideia, e usa *φιλεω*, “sem nenhuma mudança perceptível no significado”. (Carson, 2001, 29-30).

A sexualidade (humana) é definida por Sigmund Freud (1856-1939) como uma energia com implicações ambivalentes. Para Freud, não podemos explicar, por exemplo, a origem da libido a partir de uma mera acumulação de substâncias sexuais. Em seu livro *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, ele afirma: “(...) de modo algum é tão assombroso (...) que a perda das glândulas sexuais masculinas na maturidade possa não ter maior influência no comportamento anímico do indivíduo”. (Freud, 2002, 92). É assim que pessoas castradas (ou mesmo as mulheres), por exemplo, não deixam de ter pulsões sexuais mesmo que não acumulam substâncias sexuais. Isso nos leva a pensar também em por que um homem deseja uma mulher em particular, e não apenas sua satisfação?

Jean-Paul Sartre (1905-1980), ao tratar do assunto, por sua vez, ironiza dizendo que essa tendência de vincular a sexualidade à natureza fisiológica do homem se dá porque certos indivíduos (seja por preguiça de espírito ou comodismo) não têm outra meta no ato sexual senão a ejaculação. Segundo

¹¹ A Septuaginta era a tradução do Antigo Testamento hebraico para o grego, feita em Alexandria, Egito, no terceiro século a.C. Os escritores do Novo Testamento muitas vezes fazem citações desta versão. A tradição diz que o trabalho foi feito por setenta estudiosos judeus. Daí o símbolo LXX (70 em algarismos romanos) ser frequentemente usado quando se faz referência à Septuaginta.

ele: “Além disso, jamais a tumescência do pênis ou qualquer outro fenômeno fisiológico pode explicar ou provocar o desejo sexual – assim como a vasoconstrição ou a dilatação pupilar (nem a simples consciência dessas modificações fisiológicas) não podem explicar ou provocar o medo.” (Sartre, 1997, 478).

Em seu livro *O Ato Conjugal*, Tim & Beverly LaHaye, seguindo o pensamento dos autores Masters & Johnson em relação ao assunto (os quais definem sexo como o alívio regular da tensão sexual), escrevem:

Para ilustrar as causas físicas do impulso sexual masculino, deixe-nos apresentar a evidência científica de que “cada gota do líquido seminal contém cerca de trezentos milhões de espermatozoides”. E como é possível a um homem ter de duas a cinco ejaculações por dia, dependendo de sua idade, é claro que seu aparelho reprodutor produz diariamente boa quantidade de sêmen e milhões de minúsculos espermatozoides. Se isso não for liberado através do coito, constitui um fator de grande frustração para ele, que afeta seu bem-estar físico e mental. Um escritor afirma: “Um homem normal e saudável tem aumento do sêmen num período que vai de 42 a 78 horas, o que produz uma certa pressão que precisa ser liberada.” As condições que determinam a frequência do aumento da pressão variam bastante. Por exemplo, se sua mente estiver ocupada com problemas psicológicos ou familiares, ele não estará tão cômico desta pressão, como quando está relaxado. (...). Um dos erros mais comuns que ocorre na mente das jovens esposas é o que diz respeito às necessidades sexuais do marido. (LaHaye, 1989, 27,28).

Segundo Rollo May, um dos problemas da nossa cultura é que enquanto suprimimos Eros, ficamos apenas com o sexo. “Eros” é entendido por ele como impulso para procriar ou criar, o ímpeto em direção a formas mais elevadas de ser e relacionar-se. Eros como impulso para a vida.

Sexo é (...) um termo zoológico, corretamente aplicado a todos os animais, assim como aos seres humanos. Kinsey era zoólogo e, de acordo com sua profissão, estudava o comportamento sexual do homem do ponto de vista zoológico. Masters é ginecologista e estuda o sexo do ponto de vista dos órgãos sexuais e da maneira de os manipular: sexo é, assim, um padrão das funções neurofisiológicas e o problema sexual consiste no que se faz com os órgãos. Eros, por outro lado, assume as asas da imaginação humana e transcende todas as técnicas, zombando dos livros de orientação, entrando em órbita acima de nossas regras mecânicas, amando em vez de manipular órgãos. (May, 1978, 81).

Georges Bataille analisa o erotismo como a chave para desvendar o aspecto mais fundamental e determinante da natureza humana: aquele ponto em que o homem é ao mesmo tempo social e animal, humano e inumano. (Para ele, a passagem do animal ao homem é algo a respeito do qual pouco sabemos). Bataille estabelece a seguinte diferença entre o erotismo e a atividade sexual simples:

Seja como for, se o erotismo é a atividade sexual do homem, o é na medida em que ela difere da dos animais. A atividade sexual dos homens não é necessariamente erótica. Ela o é sempre que não for rudimentar, que não for simplesmente animal. (Bataille, 1987, 20).

C. S. Lewis, por sua vez, que (desvestindo de qualquer preocupação moral na sua abordagem do aspecto particular do assunto)¹² faz uma distinção

¹² Para C.S.Lewis, por exemplo, não é a ausência ou presença de Eros o que torna o ato sexual “impuro” ou “puro”, corrompido ou bom, ilícito ou lícito: “Os teólogos morais mais antigos certamente parecem ter pensado que o perigo contra o qual mais devemos nos resguardar no casamento é o da capitulação aos sentidos, que destrói a alma. Deve-se observar, porém, que não é esse o ponto de vista das Escrituras. Para dissuadir os convertidos de se casar, São Paulo nada diz sobre esse aspecto do assunto exceto desestimular uma abstinência prolongada de Vênus (1 Coríntios 7:5). O que ele teme é a preocupação, a necessidade de

entre sexualidade (a que ele chama de Vênus) e Eros (o complexo estado de “estar apaixonado”), afirma que:

Em Eros, às vezes temos a impressão de estar voando; Vênus nos dá aquele puxão súbito que nos lembra que na verdade somos balões cativos. É uma demonstração contínua da verdade segundo a qual somos criaturas compósitas, animais racionais, semelhantes a anjos por um lado e a gatos de rua por outro. (Lewis, 2005, 140,141).

Segundo C. S. Lewis, a sexualidade pode funcionar sem Eros ou como parte de Eros. Ele lembra que, para os evolucionistas, Eros (sua variante humana) é algo que deriva de Vênus, uma complicação ou desenvolvimento posterior de um impulso biológico imemorial. (Lewis, 2005, 129).¹³

Mesmo na Bíblia, a sexualidade não funciona a parte da identidade do sujeito. O *fazer sexual* não sobrepuja-se ao *ser sexual*. Esse aspecto pode ser visto no livro de Cânticos. Neste livro, o amor e o sexo são descritos de forma

“agradar” constantemente o parceiro – ou seja, de pensar nele -, as várias distrações da vida doméstica. É o próprio matrimônio, e não o leito matrimonial, que tende a nos impedir de servir ininterruptamente a Deus. E São Paulo tem razão, não tem? Se minha experiência pessoal serve de base, são as preocupações práticas e prudenciais deste mundo (dentro e fora do casamento), e mesmo as menores e mais prosaicas dessas preocupações, que constituem a distração maior. (...). A grande e permanente tentação do casamento não é a da sensualidade, mas, para ser inteiramente franco, a da avareza.” (Lewis, 2005, 134,135).

¹³ C.S.Lewis, destarte (a partir da diferenciação pertinente que faz entre Prazeres-Necessidades e Prazeres de Apreciação), observa que Eros transforma maravilhosamente, desse modo, aquilo que é um Prazer-Necessidade por excelência no mais Apreciativo de todos os prazeres: “É uma expressão extremamente infeliz dizer que um homem lascivo perambulando pelas ruas ‘quer uma mulher’. Estritamente falando, uma mulher é exatamente o que ele não quer. Ele quer um prazer para o qual o instrumento necessário por acaso é uma mulher. O quanto ele se importa com a mulher enquanto tal pode ser medido por sua atitude em relação a ela cinco minutos depois da fruição (não se guarda o maço vazio depois de fumar os cigarros). Mas Eros faz um homem realmente querer não uma mulher, mas uma mulher específica. De algum modo misterioso mas indiscutível, o amante deseja a Amada mesma, e não o prazer que ela pode dar.” (Lewis, 2005, 131,132).

explícita e sem rodeios. Seu conteúdo é fortemente erótico, sem tornar-se, contudo, ofensivo.

Mike Mason, expressando uma visão positiva do sexo, observa que é surpreendente que a coisa que a humanidade mais empenha em arrastar pela lama acaba sendo na realidade a mais bela e inocente do mundo.

Que momento na vida de um homem se compara com o da noite de núpcias, quando uma linda mulher se despe e se deita junto dele no leito, e essa mulher é sua esposa? (...) Existe qualquer outra atividade que um homem e uma mulher adultos pratiquem juntos (exceto a adoração) que seja na verdade tão infantil, limpa e pura, mais natural e sadia e indescritivelmente certa do que o ato de fazer amor? (Mason, 2005, 128).

Sem uma teologia do corpo, porém, as pessoas continuam sem conhecer um conceito de sexualidade em cujo útero *eros* e *ágape* se integram, e por isso não a experimentam de forma satisfatória para a glória de Deus, que, segundo a Bíblia, não apenas para a procriação mas também para o consolo físico e emocional do homem e da mulher criou o sexo.

As palavras de C. S. Lewis são ainda bastante pertinentes aqui, quando articula o seguinte conceito de amor:

Há um terceiro elemento no amor, não menos importante que esses, renunciado por nossos Prazeres Apreciativos. Esse julgamento de que o objeto é muito bom, essa atenção – quase uma homenagem – oferecida a ele, como uma espécie de pagamento de uma dívida, esse desejo de que ele seja e continue sendo o que é mesmo que jamais desfrutemos dele, pode se dirigir não somente a coisas como também a pessoas. Quando oferecido a uma mulher, nós o chamamos de admiração; oferecido a um homem, de culto ao herói; oferecido a Deus, nós o chamamos de culto, simplesmente. O Amor-Necessidade clama por Deus de nossa pobreza; o Amor-Doação deseja servir a Deus, ou sofrer por Ele; O Amor

Apreciativo diz: “Nós te damos graças por tua grande glória.” O Amor-Necessidade diz de uma mulher: “Não consigo viver sem ela”; o Amor-Doação deseja proporcionar a ela felicidade, conforto, proteção – e, se possível, riquezas; O Amor Appreciativo a contempla, e prende a respiração, e se cala, e se alegra por tamanha maravilha existir, mesmo que não para ele, e não se sente inteiramente deprimido por perdê-la, e preferiria perdê-la a jamais tê-la visto. Mata-se ao dissecar. Na vida real, graças a Deus, os três elementos do amor se misturam e sucedem um ao outro a cada instante. Talvez nenhum deles, com exceção do Amor-Necessidade, jamais exista sozinho, em pureza “química”, por mais de alguns segundos. E talvez seja assim porque nada em nós, com exceção de nossa privação, é permanente nesta vida. (Lewis, 2005, 24,25).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pedagogia sexual no Protestantismo brasileiro, em linhas gerais, segue o mesmo modelo apontado por Guido Mantega.

O estudo da formação da estrutura mental autoritária e do seu papel na sustentação dos sistemas de dominação tem sido abandonado nas mãos de uma psicologia e psicanálise integrativas (mais preocupadas em adaptar os indivíduos ao *status quo* do que em conscientizá-los). (Mantega, 1979, 12).

Os discursos e práticas médicas relacionados a sexualidade, como foi apontado, fornecem um material altamente sofisticado de mistificação social e reprodução de valores tradicionais.

A formulação de uma teologia do sexo é algo que tem despertado pouco interesse dos pesquisadores no Brasil. O silêncio ainda permanece sobre o corpo e a sexualidade no Protestantismo brasileiro. As obras publicadas continuam sendo, na sua grande maioria, traduções de títulos norte-americanos.

Na literatura pesquisada, prevalece ainda um conceito no qual o corpo é fragmentado, onde é feita uma separação brutal entre o psiquismo e a corporeidade, entre o espírito e a matéria, entre o racional e o biológico. A sexualidade é mecânica.

O corpo como templo do Espírito Santo e meio pelo qual Jesus se fez gente foi substituído pelas concepções do corpo como a prisão da alma e

genuína habitação do mal. O corpo não é mais visto como reflexo da imagem de Deus.

Articulando uma pertinente visão do corpo, C. S. Lewis declara:

Em Eros às vezes temos a impressão de estar voando; Vênus nos dá aquele puxão súbito que nos lembra que na verdade somos balões cativos. É uma demonstração contínua da verdade segundo a qual somos criaturas compósitas, animais racionais, semelhantes a anjos por um lado e a gatos de rua por outro. É ruim não ser capaz de aceitar uma brincadeira. Pior ainda é não aceitar uma brincadeira divina – feita, admito, à nossa custa, mas também (alguém duvidaria?) para nosso eterno bem. O homem já teve três concepções de seu corpo. Primeiro, a dos pagãos ascéticos, que o chamavam de prisão ou “sepulcro” da alma, e de cristãos, como Fisher, para quem o corpo era um “saco de estrume”, comida para vermes, sujo, vergonhoso, nada além de uma fonte de tentação para os maus e de humilhação para os bons. Além deles, há os neopagãos (que raramente sabem grego), os nudistas e os que sofrem de Deuses Sombrios, para quem o corpo é glorioso. Mas, em terceiro lugar, temos a concepção que Francisco de Assis expressou ao chamar seu corpo de “Irmão Asno”. As três podem ser – não tenho certeza – defensáveis, mas prefiro a de São Francisco sem pensar duas vezes. A palavra “asno” é um primor de adequação, porque ninguém em seu juízo perfeito seria capaz de reverenciar ou odiar um jumento. É um animal inútil, vigoroso, preguiçoso, obstinado, paciente, dócil e exasperante; merece ora um açoite, ora uma cenoura; patética e absurdamente belo ao mesmo tempo. (...). O superior não vive sem o apoio do inferior. (Lewis, 2005, 139 - 141).

Observa-se ainda que, na literatura publicada e veiculada na comunidade evangélica brasileira, as representações de algumas correntes dissidentes do Cristianismo que surgiram entre II e IV, tais como o Gnosticismo e o Maniqueísmo, encontram-se vivos e ativos nestas representações da sexualidade.

A título de conclusão, o presente trabalho demonstra que se faz necessário desenvolver e aprofundar pesquisas sobre o corpo e a sexualidade no Protestantismo brasileiro, com vistas a apontar caminhos que considerem a sexualidade como próprio do ser humano. Também com vistas a formulação de uma teologia do sexo no contexto da cultura brasileira, onde os fatores tais como as condições sociais e econômicas do sujeito, suas condições históricas concretas, envolvidas na relação sexual, não sejam relativizados. A fim de atingir este objetivo, é necessário pesquisar também as representações da sexualidade dos crentes e compará-las com aquelas veiculadas na literatura protestante sobre o assunto. Qual a relação da pedagogia sexual evangélica com a produção de ansiedade, de angústia, e mesmo de doenças mentais? Qual a relação entre essas orientações e o resultado prometido pelos gurus da sexualidade protestante?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO, Santo. *Dos Bens do Matrimônio; A Santa Virgindade; Dos Bens da Viuvez: cartas a Proba e a Juliana*. Coleção Patrística. São Paulo: Paulus, 2000.

BATAILLE, Georges. *O Erotismo*. Porto Alegre: L&PM, 1987.

Bíblia Almeida, Revista e Atualizada (ARA). Barueri-SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

BONNÍN, Eduardo. *Ética Matrimonial, Familiar e Sexual*. São Paulo: Ave-Maria, 2003.

CALVINO, Juan. *Institución de la Religión Cristiana*. Tomo I e II. 5ª ed., Barcelona: Felire, 1999.

CARDOSO, Renato & Cristiane. *Casamento Blindado: o seu casamento à prova de divórcio*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2012.

CARSON, D. A. *Os Perigos da Interpretação Bíblica*. 2ª Ed., São Paulo: Vida Nova, 2001.

Catecismo Maior de Westminster, O. Cambuci: Editora Cultura Cristã, 1999.

CAVALCANTI, Robinson. *Libertação e Sexualidade: instinto, cultura e revelação*. São Paulo: Temática, 1990.

_____. *Uma Bênção Chamada Sexo*. 10ª ed., Rio de Janeiro: GW Editora, 2005.

CHAUÍ, Marilena. *Repressão Sexual: essa nossa (des) conhecida*. 9ª ed., São Paulo: Brasiliense, 1984.

DEBERGÉ, Pierre. *O Amor e a Sexualidade na Bíblia*. Aparecida-SP: Santuário; Vargem Grande Paulista: Cidade Nova, 2003.

EILBERG-SCHWRTZ, Howard. *O Falo de Deus: e outros problemas para o homem e o monoteísmo*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1995.

ENGELS, Friedrich. *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

FEUERSTEIN, Georg. *A Sexualidade Sagrada*. São Paulo: Siciliano, 1995.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade: a vontade de saber*. 10ª ed., Rio de Janeiro: Graal. 1998.

_____. *História da Sexualidade 2: o uso dos prazeres*. 7ª ed., Rio de Janeiro: Graal, 1994.

_____. *História da Sexualidade 3: o cuidado de si*. 8ª ed., São Paulo: Graal, 2005.

FREUD, Sigmund. *Além do Princípio do Prazer*. Rio de Janeiro: Editora Imago, 2002.

_____. *O Mal-Estar da Civilização*. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1997.

_____. *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*. Rio de Janeiro: Editora Imago, 2002.

GARDNER, E. C. *Fé Bíblica e Ética Social*. São Paulo: Aste, 1965.

GIDDENS, Anthony. *A Transformação da Intimidade: Sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Unesp, 1993.

GOMES, Antônio Máspoli de Araújo. *As Representações Sociais do Corpo e da Sexualidade no Protestantismo Brasileiro*. Revista de Estudos da Religião. Nº 1, 2006, p. 1-38.

GRENZ, Stanley. *Pós-modernismo: um guia para entender a filosofia do nosso tempo*. São Paulo: Vida Nova, 1997.

GUINNESS, Os. *O Chamado*: uma iluminadora reflexão sobre o propósito da vida e o seu cumprimento. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2001.

HOUSTON, James. *Mentoria Espiritual*: o desafio de transformar indivíduos em pessoas. São Paulo: Editoras Sepal e Textus, 2003.

KIERKEGAARD, Sören. *O Matrimônio*. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

LAHAYE, Tim & Beverly. *O Ato Conjugal*: um manual completo para o casal cristão, orientação sexual equilibrada, clara e sem rodeios. 8ª ed. Belo Horizonte: Editora Betânia, 1989.

LEWIS, C.S. *Os Quartos Amores*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

LINS, Regina Navarro; BRAGA, Flávio. *O Livro de Ouro do Sexo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

LUTERO, Martinho. *Obras Seleccionadas*: fundamentos – oração - sexualidade – educação – economia. 2ª ed. Vol. V. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2011.

MANTEGA, Guido (org.). *Sexo e Poder*. São Paulo: Brasiliense, 1979.

MASON, Mike. *O Mistério do Casamento*: descobrindo Deus no matrimônio. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.

MICHAEL, A. Eaton & CARR, G. Lloyd. *Eclesiastes e Cantares*: introdução e comentário. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 1989.

MORA, Gaspar. “*Ética Sexual*”. In: *Ética Teológica: conceitos fundamentais*. Marciano Vidal (org.). Petrópolis: Vozes, 1999. pp. 486-513.

MURARO, Rose-Marie (org.). *Sexualidade, Libertação e Fé*: por uma erótica cristã; primeiras indagações. Petrópolis: Vozes, 1985.

PEDREIRA, Eduardo Rosa. *Fé, Desejo e Prazer*: uma análise da relação entre espiritualidade e sexualidade dentro do cristianismo. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1998.

PIPER, John (org.). *Sexo e Supremacia de Cristo*. São Paulo. Cultura Cristã, 2009.

PRÉVOST, J. P. *Os Salmos e outros escritos*. São Paulo: Paulus, 1996.

RANKE-HEINEMANN, Uta. *Eunucos pelo Reino de Deus: mulheres, sexualidade e a Igreja Católica*. 3ª Ed., Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1996.

RYKEN, Leland. *Santos no Mundo: os puritanos como realmente eram*. São José dos Campos: Fiel, 1992.

SANTOS, Jair Ferreira dos. *O que é Pós-moderno*. Coleção Primeiros Passos. 14ª ed., São Paulo: Brasiliense, 1996.

SARTRE, Jean-Paul. *O Ser e o Nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. Tradução de Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 1997.

SCHAEFFER, Francis A. *Adultério e Apostasia: O Tema da Noiva e do Noivo*. Brasília: Editora Comunicarte, 1991.

SILVA, Samuel Costa. *O Comportamento Secreto: uma análise de scripts sexuais de casais em conflito*. Brasília: Thesaurus, 2002.

STORNILO, Ivo & BALANCIN, Euclides M. *Como Ler o Cântico dos Cânticos: o amor é uma faísca de Deus*. Série Como Ler a Bíblia. 3ª Ed., São Paulo: Edições Paulinas, 1991.

STOTT, John. *Grandes Questões sobre Sexo: respostas para grandes temas polêmicos sob a ótica cristã de um dos maiores teólogos de nosso tempo*. 2ª ed. Niterói: Vinde, 1995.

TOURNIER, Paul. *A Missão da Mulher*. Viçosa: Ultimato, 2005.

VELASQUES Filho, Prócoro. *Comportamento Protestante*. In: *Religião e Psicologia*. São Bernardo dos Campos: UESP, 1985.

VIEIRA, Samuel. *O Império Gnóstico Contra-Ataca: a emergência do neognosticismo no protestantismo brasileiro*. Cambuci: Cultura Cristã, 1999.